

Org. Aryanne Queiroz

Surviventes



Org. Aryanne Queiroz

Surviventes

2024





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Chefe da Editora Universitária – EDUERN

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

**Chefe do Setor Executivo da Editora
Universitária da Uern - EDUERN**

Jacimária Fonseca de Medeiros

Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Capa e Diagramação

Gabriela Mabel Alves Vieira



Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Superviventes [recurso eletrônico]. /

Aryanne Queiroz (org.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

69 p.

ISBN: 978-85-7621-500-4 (E-book).

1. Ciências Humanas. 2. Sociologia. 3. Sociologia da memória. I.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 306

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Sumário:

Apresentação **5**

Prefácio **6**

Fernanda Abreu de Oliveira

Narrativa 1 **9**

Narrativa 2 **12**

Narrativa 3 **20**

Narrativa 4 **26**

Narrativa 5 **29**

Narrativa 6 **42**

Narrativa 7 **44**

Narrativa 8 **47**

Narrativa 9 **54**

Narrativa 10 **57**

Narrativa 11 **60**

Sobre a Organizadora **68**

narrativas

Apresentação

Ao pensar sobre a produção do presente e-book, lembrei-me das inúmeras mulheres que cruzaram o meu caminho até hoje e sobreviveram a tantos maus tratos, a tantos tipos de violência e que, muitas vezes, não se davam conta do que acontecia com elas. Muitas vezes até normalizavam em seus discursos os abusos que sofriam, de forma inconsciente, claro. Em frases como “é assim mesmo”, “homem é tudo igual”, “é da natureza do homem ser assim, bruto”, me questionei várias vezes sobre até quando, nós, mulheres, estaremos reproduzindo tantas falas que só fortalecem o machismo e deturpam o verdadeiro poder que todas nós temos.

Para além dessas reproduções, há também aquelas mulheres que conseguem ver “uma luz no fim do túnel” e se sair de ciclos de violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual. Pensando principalmente nestas, resolvi colher narrativas que pudessem “ser luz” para aquelas, as quais ainda não conseguem se sair sozinhas, pois como bem ressaltou o historiador Paul Thompson (1992) “a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”. Desejo, portanto, que as narrativas presentes neste livro possam servir de norte às mulheres aprisionadas em relacionamentos abusivos. Assim como Verena Alberti (1989), que acredita que com o passar do tempo, as entrevistas produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos, também creio que as narrativas aqui apresentadas poderão fornecer subsídios para futuras pesquisas acadêmicas sobre o assunto que envolve gênero, sexualidade e violência, tais como: a construção sócio-histórica do patriarcado; tabus e sexualidade feminina; discursos e preconceitos acerca da violência feminina; etc.

Conforme o referido historiador, a história oral pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas (Alberti,

Superviventes

Aryanne Queiroz

1989). Sendo assim, as narrativas aqui presentes são histórias verídicas, vivenciadas na contemporaneidade por mulheres cis, heterossexuais e lésbicas, espalhadas na cidade de Mossoró-RN, sobreviventes a tantas dores e dissabores, mas, superadas de alguma forma. Almejo que a superação aqui registrada possa ser força motriz para todas as mulheres que ainda não conseguiram recuperar a autoestima perdida em relações abusivas.

Aryanne
Sérgia Queiroz de Oliveira

Prefácio

Por

Fernanda Abreu de Oliveira

Ainda ontem, por assim dizer, mas exatamente no ano de 2022, Débora Diniz e Ivone Gebara lançaram uma obra oportunamente nominada “Esperança Feminista”. Habitando e construindo laços para os feminismos laico e religioso, elas passearam por verbos cruciais à teoria e à prática feministas, quais sejam ouvir, imaginar, aproximar, acalantar, lembrar, reparar, recriar, celebrar, compartilhar, perguntar, falar e desobedecer.

Anos antes (2009), em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba alertava para a dimensão política da língua, a par de sua função de gerar, estabelecer e manter relações de poder e violência, do seu poder para estabelecer os limites a partir dos quais somos inseridos (ou não) na condição de humanidade socialmente fixada.

Os poderes e as violências estão entrelaçados em dimensões estruturais da sociedade em que vivemos, relações estas em que as mulheres estão historicamente, embora das mais diversas formas,

Superviventes

Aryanne Queiroz

inseridas em situações de maior ou menor desigualdade, de maior ou menor subserviência, dominação e exploração.

Se a linguagem é mecanismo que, dos espaços públicos aos espaços privados, é empregada como mecanismo de produção de desigualdades, também ela se faz crucial à visibilização, desconstrução, prevenção e combate destas. Daí os verbos de Débora e Ivone nos dizerem tanto. Daí a intensa preocupação de Grada. Daí a importância de obras como esta que tenho a honra de aqui prefaciar.

É crucial **ouvir** todas e quaisquer mulheres, assim auto identificadas, acerca de suas experiências de vida que representam o exercício destas violências e desses poderes sociais sexistas e discriminatórios, prejudiciais às suas existências em dignidade, onde quer que isto aconteça e com quem quer que aconteça.

É preciso deixar que elas **falem**, que **lembrem** e **recriem**, no seu tempo, ao seu modo e sob as possibilidades de suas próprias feridas, as experiências que atravessaram, ofertando-lhes a escuta ativa, a atenção afetuosa, o cuidado e o **acalento** indene de julgamentos.

Obviamente, nunca será suficiente **imaginar** suas dores, mas nos cabe fazê-lo. Cabe-nos ir além e **perguntar** por elas, na busca de descobrir e **compartilhar** formas de promover suas curas, por mais difícil que isso, de fato, seja.

Reparar é um verbo muito comum ao vocabulário jurídico e demasiado superdimensionado, vez que não raro os danos impostos à condição humana são irreparáveis. É por isto que cada pequena conquista reparatoria, cada passo dado na direção de romper os círculos das violências é uma **conquista** a ser compartilhada, a servir de espelho onde outras mulheres possam se enxergar e enxergar outros sentidos possíveis para o mundo que as cerca.

Não raro, os mecanismos sociais, políticos, econômicos e culturais que criam e mantêm as violências negam-lhes esse designativo (de violências), para conferir eficácia ao sistema que delas se alimenta.

É preciso **desobedecer** às ordens que advêm desse sistema, visibilizando cada micro representação de sua urdidura. Cada gesto que

Superviventes

Aryanne Queiroz

assim opera, das grandes políticas às ações corajosas e autoguiadas de mulheres vitimizadas, impõe fissuras indispensáveis a fins maiores.

A obra que lhes chega às mãos, gente leitora, é exemplo concreto da conjugação de cada um desses verbos, do falar ao ouvir, do imaginar ao conquistar, do desobedecer ao compartilhar.

Cada mulher presente concretamente nos relatos com os quais aqui nos encontramos diz do quanto somos - todos os gêneros e agêneros - parte das relações e dos processos que constroem, reconstroem e perpetuam as violências contra as mulheres.

É preciso, por isto, visibilizá-las e dar às vozes delas a credibilidade que lhes foi e lhes é historicamente negada para, quem sabe, mesmo aos poucos e um dia, na conjugação concreta destes e de outros verbos elementares à dignidade humana, possamos dar por inúteis tantas e tantas leis que já produzimos e que ainda precisamos produzir em proteção aos direitos das mulheres.

Não porque proteger direitos seja ruim, mas porque as violências o são, razão pela qual preferimos a busca por um tempo em que essa proteção não seja mais necessária, em que essas violências não mais existam.

Narrativa 1

Nos conhecemos quando éramos estudantes universitários. Logo uma pessoa me falou que ele pertencia à melhor família de seu bairro, no sentido de educação e valores. Pouco tempo depois conheci a sua família e, juntamente com a informação anterior que recebi, não tive dúvidas de que casaria com ele, pois seria um bom esposo.

Alguns dias antes do casamento, minha mãe me disse que falaria com ele para que nunca me batesse, assim como fez o sogro de meu irmão. Fiquei indignada com aquele comentário, disse para ela não me fazer essa vergonha e que não me fosse com aquela baixaria, pois se tratava de família educada. Como eu me arrependo de ter reclamado com minha mãe naquele dia!

Não muitos dias após o casamento começaram as agressões físicas, verbais e morais. Ele estava sempre dizendo que eu era rude e conseguia me fazer sentir culpada, como faz um abusador. Reclamava de eu não preparar café da manhã para ele; dizia que eu tinha gritado com ele e isso na maior parte das vezes me deixava intrigada, pois, em minha cabeça, era o meu jeito normal de falar, mas eu me sentia mal por ser daquela forma e me esforçava por mudar. Hoje reconheço que se tratava de uma pessoa que sempre fora mimada pela mamãe com quem ele costumava me comparar.

Muitas vezes, de forma descontextualizada, quando eu estava falando com ele ou outra pessoa, reclamava dizendo: “Ô mulher da voz enjoada!”. Também dizia que eu não era uma pessoa eloquente como deviam ser os que exercem minha profissão. Ele procurava defeitos o tempo todo para me acusar e, qualquer coisa que eu falasse, ainda que em confiança, usaria contra mim. Qualquer coisa mesmo! Fosse um comentário sobre um sentimento, uma situação envolvendo minhas relações com outras pessoas, ainda que fosse algo que essas fizessem contra mim, ou qualquer assunto de onde eu nem esperasse que ele pudesse usar para “me jogar na cara”.

Isso durou mais de duas décadas até eu perceber, três anos antes da separação, que ele não servia nem para amigo. Também dizia que eu não ia crescer profissionalmente, desqualificava minha família e, quando não tinha nada para me acusar, falava: “Você é tão inteligente e só faz merda”.

Quando descompensava, em razão das pressões que sofria diariamente, como faz todo abusador, ficava na posição de vítima mostrando às pessoas o quanto eu era louca e como o tratava. Eu tinha péssima autoestima e o considerava um homem bem resolvido. Também muitas vezes me sentia mal porque acreditava que um homem “tão bom” merecia uma mulher melhor.

Ainda casada, resolvi contar para minha melhor amiga da época e que tinha uma formação terapêutica, que ele me batia, mas a resposta dela me faz calar para sempre: “Sei não ... com esse temperamento, imagino o quanto você deve ter provocado esse homem para ele chegar a esse ponto”. Passei a me sentir mais culpada e nunca mais falei sobre isso com ninguém.

O início de minha liberdade começou quando resolvi fazer terapia. Eu sabia que tinha que resolver minha vida naquela relação. Quando me separei, minha família e pessoas próximas questionavam como é que eu havia deixado um homem tão bom. Acrescento aqui que, somente nestes últimos dias, após quase cinco anos da separação, é que tenho reconhecido que vivi um relacionamento abusivo. Quero deixar a observação de que éramos um casal de classe média alta e ambos com nível superior e que acredito que as mulheres nessa condição social são as que mais se calam.

Quando resolvi me separar, deixei para trás todos os bens e pertences cuja maior parte fora adquirida por mim, pois quando casei, levei patrimônio e ele não tinha nenhum. Depois construímos mais. Enfim, deixei tudo para trás em busca, tão simplesmente, de paz. Eu a encontrei e também cresci profissionalmente e tenho meu trabalho reconhecido. Atualmente sou apontada como uma pessoa de bem com a vida e ótima autoestima.

Estou muito feliz e prosperando, cada vez mais, em todos os sentidos. Quanto à minha voz, que ele criticava, vivo dela e sou muito reconhecida e elogiada em minha profissão.

Narrativa 2

Eu o conheci, nós começamos a conversar por internet, né. Nós nos conhecemos através de um aplicativo de namoro chamado *Tinder*. Por que é que eu tinha instalado esse aplicativo?! Porque eu não sou de festejar, eu não sou de estar em lugares para paquerar e tudo. E eu estava querendo encontrar alguém, né, para ter um relacionamento sério; É tanto que eu deixei isso muito claro em minhas conversas, com alguns pretendentes que surgiam lá e fui explicando isso para ele também.

Quando nós começamos a conversar pelo aplicativo, eu percebi que nossa vida era bem parecida, no sentido de sofrimento, de dificuldade, trajetórias na vida, família...família muito conturbada e tal. Então, eu meio que encontrei uma pessoa que conseguia compreender toda minha trajetória de vida; Que eu poderia conversar e essa pessoa iria entender o que eu estava sentindo, iria entender as dificuldades que eu também passava em relação a isso, né, minha família e tal. E nós tínhamos muito em comum, como religião, gostos...enfim.

Quando começamos a conversar, ele morava em outra cidade, eu morava aqui, nós começamos a conversar, passamos muito tempo conversando, acredita?! Mais de um mês, conversando todos os dias e aí deu pra perceber um pouco como ele era, eu via direitinho a questão de rotina dele e tal. Até que nós combinamos de nos conhecer e foi no shopping, nesse momento. Por que eu preferi lá? Porque, por questão de segurança e tal. Nos conhecemos no shopping e dali a gente não se desgrudou mais. A gente se via, era um relacionamento é, a distância, porque eu morava aqui, ele morava em outra cidade e a gente se via uma, duas vezes ao mês. E assim, no namoro, era uma relação bem saudável. Era uma relação muito boa, na verdade. Ele apresentava características de um homem que eu queria ter perto de mim, que eu queria ter próximo a mim. No início do namoro foi tudo muito um sonho. Na verdade, ele me colocava no céu, me tratava muito bem, respeitava a minha família, meus amigos. Eu estudava, ele respeitava esse momento, e ele estava finalizando a faculdade também.

Até que ele se formou e surgiu a oportunidade de primeiro emprego pra ele na área em que ele estava se formando. Isso com quase 03 (três) anos de namoro, à distância. Ele começou no primeiro emprego e quando

ele começou a trabalhar, eu percebia sinais de um pouco de descontrole em relação ao ciúme e aos gastos. Como ele não trabalhava e como eu sempre trabalhei, eu não tinha problema em, sei lá, a gente saia pra jantar e eu pagava uma conta, eu não tinha problema nisso. Quando ele começou a trabalhar, essa mesma conta que nós gastaríamos se ele não trabalhasse seria, no caso, para que ele pagasse e isso era um problema. E eu tentava entender, eu pensava “não, é o primeiro emprego, ele tá tentando se organizar”. Enfim, eu sempre tentava justificar aquelas atitudes dele, as ações dele, por enxergar algo além do que estava acontecendo. Porque ali eram os primeiros sinais de controle, de ciúme e do financeiro que ele não queria gastar comigo. No financeiro ele não queria gastar e queria que eu gastasse o meu, mas o dele ele não queria e acabava até me humilhando quando ele gastava, mas eu não enxergava isso.

Eu não conseguia ver esses detalhes e às vezes acontecia dele vir, ficava uns dias na minha casa e nunca trazia nada pra ajudar. Por exemplo: ele vinha passar um mês aqui em casa e ele não trazia um pacote de macarrão, sendo que ele ganhava muito bem, mas ele queria sempre comer aquilo que ele gostava e ele exigia comida dentro de casa. Quando era pra sair pra algum canto, ele tentava ir no lugar mais barato e o dinheiro dele, ele queria guardar e o meu ele queria que eu gastasse e isso era um dos problemas. Em questões de roupa, ele comprou um vestido pra mim e esse vestido chegava até o joelho. Teve um dia que eu fui usar o vestido que ele mesmo comprou pra mim, mas ele disse que ficou muito colado. E aí ele falou: “você não vai sair com esse vestido”. Ele não chegava e me perguntava ou dava a opinião dele, ele não era assim. E eu sempre disse: “não, você não vai me proibir, primeiro porque foi até tu que me deu o vestido, como é que você quer reclamar?”. Mas, ele dizia: “não, você não vai sair com esse vestido, se for com esse vestido comigo você não sai”. E aí eu dizia: “tudo bem, a gente não sai, mas eu não vou trocar a roupa, porque eu quero usar ela”. E era sempre assim, ele queria impor regras e eu não sabia, só vim saber depois que me separei. Ele pegou meu celular escondido e bloqueou muitos amigos meus. Eu não tinha prestado atenção, não dei conta também, mas ele bloqueou muitas pessoas. Quando a gente se separou eu percebi e eram praticamente

noventa por cento homens, no sentido de que tinha um ciúme doentio. Uma vez eu encontrei com um amigo no *shopping*, fazia muito tempo que a gente não se via, amigo assim de mais de 10 (dez) anos, ele veio, me deu um abraço, eu apresentei a ele e tal. Quando esse rapaz saiu foi uma briga imensa porque ele disse que eu estava faltando com respeito ao ter dado um abraço nele, nesse amigo. Ele me gritava e aos poucos que os sinais foram piorando, sabe?

Com pouco mais de três anos de namoro, nós noivamos, mas eu já sabia que a relação não estava bem e que eu não era mais a mesma. Todas aquelas atitudes dele, de me menosprezar com palavras, de dizer que eu não era suficiente, que eu estava me formando em uma faculdade particular porque eu não tinha capacidade de ir para uma pública...Ele colocava em jogo o meu profissional, meu pessoal, dizia que eu não era uma boa filha e falava essas coisas que, no final, eu acabava internalizando. Ele falava tanto que eu dizia: “não, não tem como não ser verdade, não tem como não existir isso”, mas ao mesmo tempo eu tentava justificar: “não, ele tá fazendo isso porque nós brigamos”. Depois da briga ele sempre vinha, tentava me colocar no céu, no sentido de tentar se reconciliar, de tentar fazer as pazes e eu esquecia por um tempo, depois voltava tudo de novo e era aquele ciclo, né. O ciclo dele vir, me ameaçar, depois ele vinha tentar fazer as pazes, a reconciliação.

E aí algo aconteceu. Um familiar meu adoeceu, estava com um câncer em fase terminal e nesse momento ele precisou ser cuidado na minha casa. Eu tinha marcado a data do casamento já, mas como esse familiar adoeceu, eu nem sabia mais se eu iria casar, porque eu não sabia como iria continuar, como iria proceder essa situação. E aí, eu passei por um sofrimento muito grande em relação esse familiar meu... ele vinha aqui pra casa, sofria muito, ele precisou amputar um membro em relação ao câncer. Então, foi uma tortura no sentido de ver um ente querido sofrendo e ele faleceu, esse meu familiar acabou falecendo. Muitas vezes eu precisava estar com ele no hospital e às vezes eu subia, demorava mais tempo e meu noivo ficava embaixo me esperando, porque era muito difícil eu pegar a moto dele, ele não me dava, preferia ir comigo, mas ao mesmo tempo que ele preferia ir comigo, ele reclamava do gasto

de gasolina. E eu subia pra o hospital, pro quarto do meu familiar e às vezes eu demorava porque acontecia alguma coisa e quando eu descia, ele brigava. Dizia: “ahh, então será que um dia eu vou precisar estar na cama de um hospital pra você me tratar tão bem como você trata o seu familiar, seu parente (...)?!”. Fazendo comparações assim, nada a ver, né, coisas que ele sabia que me doía, porque eu não estava bem, eu estava muito exausta, final de faculdade, meu familiar em câncer terminal, tinha amputado um membro, a família toda muito adoecida nesse sentido. Eu tive que ajudar a minha família, mas estava exausta e ele não foi a minha rede de apoio, pelo contrário, ele me deixou mais desestabilizada ainda.

Algumas vezes ele exigia relações sexuais, falava que tinha as necessidades dele, por mais que eu estivesse muito mal, né, tinha acabado de sair do hospital, meu familiar tinha tido uma parada cardiorrespiratória na minha frente e eu vi toda aquela situação...E quando eu cheguei em casa, ele me exigiu ter relações sexuais, eu não consegui. E aí começou a confusão, briga, humilhação, chantagem, ameaça, enfim, me deixando pior ainda do que eu já estava. Quando meu familiar faleceu, eu não conseguia ficar dentro da minha casa, isso era uma tortura pra mim, pelas lembranças, pelo sofrimento de estar dentro de casa e lembrar de tudo que meu familiar passou. Então, pra mim foi uma fuga sair de casa e me casar com ele, mal sabia eu que seria uma tortura muito maior, esse tempo que eu passaria casada.

Até que chegou um dia, eu passei no caso, cinco meses casada com ele. Eu não estava mais conseguindo dormir dentro de casa, não dormíamos mais no mesmo quarto, eu dormia na varanda, eu passava a madrugada acordada na varanda, eu não tinha mais vontade nem de tomar banho, eu estava de um jeito que dentro daquele lugar, eu me sentia mal. Ele saía, levava o controle, eu tinha que pedir o controle emprestado à vizinha pra que eu pudesse receber a minha mãe em casa. Enfim, era muito difícil, eu me sentia muito só, muuuito sozinha. Só chorava, só chorava, sentia fortes crises de ansiedade. E meu medo maior, na verdade meu pensamento era, o que iriam pensar sobre mim se eu me separasse tão cedo depois do casamento, o que iria acontecer, como é que as pessoas iriam me julgar, enfim. Até que eu entendi que essa não era a questão, porque quem estava

naquele ambiente tóxico era eu, quem estava sofrendo era eu, então eu tinha que pensar primeiro em mim, porque ali eu estava arriscando minha saúde mental, eu estava arriscando minha vida, né, porque começa dessa forma até que chega a morte mesmo, né. Pode sim chegar à morte, é o que mais nós enxergamos por aí por esses casos. Então, eu decidi me separar e no dia eu falei pra ele: “olhe, não tá mais dando certo”, uma coisa que ele não queria me ajudar era no pagamento do Conselho para que eu comesse a trabalhar, acredito que é porque ele não queria que eu tivesse minha independência, que eu ficasse sempre dependendo dele, então, juntou tudo e eu tomei coragem e disse que eu não ia mais ficar, ele disse que eu não ia embora. Eu disse: “vamos terminar aqui numa boa, conversar em relação ao divórcio, porque eu não vou tá aqui quando você voltar do trabalho e ele não acreditou, então assim que ele saiu eu fiz minha mala, arrumei algumas coisas e fui embora. Ele ainda tentou e insistiu durante uns dois meses para que a gente voltasse e eu nunca vou esquecer, ele mandou pra mim um buquê depois que nós nos separamos e depois ele veio passar na minha cara que gastou noventa reais num buquê, tipo assim: “você não quer voltar pra mim e eu gastei noventa reais e aí? Foi mais do que você merece(...)”. Esse tipo de coisa, sabe?

Quando nós nos casamos a questão financeira foi a pior, ficou pior, teve briga por conta disso, porque eu estava no final da faculdade, não tinha como trabalhar...tinha que escolher, ou finalizar o curso ou trabalhar e era muito difícil, porque eu tinha que ser sustentada por ele e casada, eu tinha que pedir a ele se eu precisasse de qualquer coisa, então, assim, é muito humilhante pedir um pacote de absorvente pra uma pessoa...que quer saber de tudo. Se a pessoa pedir dez centavos, ele quer saber pra quê, independente do que fosse ele iria reclamar, ele iria falar, ia humilhar, enfim. Esse foi um dos problemas, a questão da agressividade, eu nunca fiquei com o olho roxo, mas ele batia a porta com muita força, era muito valente nesse sentido. Jogava bolsa com força, em cima da mesa, de onde fosse, se não tivesse cuidado, se tivesse muito perto poderia pegar em mim. Me gritava, morávamos em um apartamento, então ele fazia questão de gritar, me ofendendo, dizendo que eu era porca, que minha comida não prestava, que eu era fofoqueira, que ele chegava em casa e não tinha uma

mulher pronta pra ele. Uma vez ele me falou que eu era o satanás da vida dele. Então, de palavras que ele me disse, tinha coisas que eu nem sabia que existia em relação a ofensas. Também tinha a questão de violência patrimonial, porque ele quer quebrar porta, rachar o chão... E violência sexual, tinha a questão de ter que fazer mesmo se eu não estivesse bem, eu tinha que fazer e muitas vezes eu fazia para passar uns dias em paz. Eu pensava: “não, vou fazer hoje, vou passar uns dois, três dias em paz, sem ser ele vir reclamar, sem ele vir procurar confusão”. Era pra isso que eu fazia, ou seja, eu não sentia prazer, pelo contrário, sentia incômodo, sentia dor, né. E aí vinha a violência psicológica que ele dizia que minha mãe sabia que eu não prestava, por isso ela se livrou de mim, deixou eu me casar com ele, enfim. Que eu não era uma pessoa boa, que eu não ia encontrar alguém melhor do que ele, que eu não poderia vir embora, porque minha família não iria aceitar, enfim...ele só não me bateu fisicamente.

Foram 04 anos de relacionamento, os sinais vieram aos poucos, ele não chegou assim do nada e agiu dessa forma, foi aos poucos. É tanto que eu não fui percebendo, quando eu fui perceber aconteceu o episódio do meu familiar e me deixou mais desestabilizada ainda, não conseguia enxergar o que estava acontecendo. Aí veio a questão da fuga, deu não viver o luto dentro de casa, precisei sair de casa para poder respirar novamente. Só que eu sai do ruim pro pior, como o povo diz, né. Me casei, fui morar com ele, foi quando começou toda essa tortura.

A questão da separação, de decidir, de realmente pensar em mim, foi depois de muito tempo, depois de compreender que se eu não pensasse em mim, se eu não me colocasse em primeiro lugar eu iria adoecer mais ainda, né. E poderia acontecer até uma tragédia, e pra chegar até aí foi algo muito difícil, mas hoje eu percebo como eu fui forte. Não foi uma decisão de uma pessoa fraca, pelo contrário!

Eu me orgulho muito, não me arrependo de ter passado por toda essa situação, porque eu sei que minha intenção era das melhores, não me arrependo de “ahh eu deveria, não era pra ter perdoado”, eu não tenho essa culpa, eu não carrego isso, porque eu sei que não foi culpa minha a relação ter ficado dessa forma, não foi culpa minha ter sido vítima de violência doméstica, não foi culpa minha ter sido humilhada,

não foi culpa minha que a relação acabou. Tipo, eu não carrego isso, pelo contrário, eu me sinto muito orgulhosa, me sinto muito feliz em trazer o meu relato, em passar para as pessoas que é muito difícil, mas que é possível sair desse tipo de situação e que a gente precisa, cada vez mais, falar sobre isso, sobre a questão de violência doméstica, relacionamento abusivo, que mulher alguma, que ninguém, na verdade, merece e precisa estar dentro de um ciclo de violência e pra mim foi muito libertador sair desse ambiente.

Lógico que aconteceu uma quebra de expectativas, né? E a intenção de ninguém é entrar numa relação e terminar, então a gente entra numa relação com desejo, com expectativa de que vai fluir, de que vai dar certo. Então, houve esse momento de quebra de expectativa, eu sofri muito, mas eu estava em paz, estou em paz. Isso já faz mais de ano, um ano e alguns meses e cada vez mais, cada dia mais eu me sinto orgulhosa da decisão que eu tomei, me sinto muito feliz de ter tomado essa decisão e de ter pensado primeiro em mim.

Narrativa 3

Bem, a minha narrativa é a seguinte: agora eu tenho quarenta e cinco anos, mas eu percebi que dois dos velhos casamentos, todos dois foram abusivos. Demorei muito a ver, a perceber, a ter essa percepção vindo de fora pra dentro. Porque quando a gente está nessa relação, a gente tem uma dependência afetiva tão grande que acha que tudo é normal.

Aos vinte anos conheci o pai do meu filho e eu achava que na minha vida (eu como mulher com deficiência), eu nunca ia achar ninguém, eu nunca ia namorar, eu nunca ia poder ter um filho, entendeu?! E eu achei que ele era o único que me queria, entendeu?! Aí eu aguentava muita coisa. Ele me escondia, eu era muito jovem, vinte anos, mas eu não tinha experiências porque minha mãe me superprotegia e eu não tinha experiência com relacionamentos, não tinha. E eram coisas muito sutis, porque quando a gente se apaixona, infelizmente a gente não vê, mas eu descobri, a posteriori, que ele me escondia, né?! Ele não afirmava que namorava comigo. Pra assumir a relação comigo demorou muito tempo. Depois começamos a ter relações e eram muitas traições, ficava muito indiferente comigo. Era um tipo de violência psicológica. Hoje eu tenho propriedade em falar isso. Tinha traições, traições descaradas. Às vezes omitia, às vezes, não. Eu ficava naquela expectativa de, de ele vir ou não vir me procurar. Era uma dependência afetiva, e sempre quando ele queria terminar ou quando ele sempre queria voltar, eu estava à disposição. Foram muitos anos, foram quatorze anos nesse vai e vem. E sempre se repetia, eram um ciclo re-pe-ti-tivo de terminar, voltar, terminava e voltava, terminava e voltava.

Muitas mentiras pra poder tirar dinheiro de mim e eu pensava: “não, eu sou casada com ele, então, não há problema nenhum, né?!” Ele mentia, dizia que na casa dele estava passando por dificuldade e pedia emprestado o dinheiro pra pagar água ou luz, ou empréstimo, ou alguma coisa assim. Fiz muitos empréstimos e isso aí era violência patrimonial, né?! Muitos empréstimos. Às vezes nem era pra casa, nem era pra nosso usufruto, era mais pra ele, pras farras dele e eu sempre aceitava. E sofria muito. Hoje eu percebo que eu tinha muita crise de ansiedade, né?! Porque eu não sabia denominar. Quando chegava certa hora, ele não chegava em casa, saía sem mim, tinha vida de solteiro. Ou seja, ele fazia de mim gato e sapato. Hoje eu vejo uma violência psicológica, pois ele chegava bêbado, às vezes eu

ia reclamar e ele achava ruim. Era muita coisa. Chegamos até à violência física, mas eu sempre aceitava ele de volta, ele sempre terminava e, com o tempo, ele sempre voltava. Sempre era no período carnavalesco e após isso ele voltava. Depois, eu engravidei e teve a pressão pra o casamento. Teve o casamento, mas, na lua de mel ele sempre ia farrear, ele ia beber. Às vezes pegava dinheiro, tá entendendo?! Pedia emprestado, nunca pagava, estourava meus cartões. Quer dizer, era um ciclo interminável de violências.

Ele não me difamava, eu não lembro. Ele às vezes me ajudava e mascarava um pouco, todas essas coisas, né?! Como eu sou uma pessoa com deficiência, dependente fisicamente, ele me ajudou muito no pós parto. Têm muitas coisas positivas também, mas o fato é que as narrativas de violência psicológica, de violência patrimonial e de violência física, tudo isso foi bem evidente nesses vinte e poucos anos de relação. Já tem dez anos de separação, mas, infelizmente, com algum tempo depois, eu conheci também outra pessoa, que veio tocar justamente na ferida: na carência e na falta de perspectiva, quando a gente tá mais frágil. Conheci na internet esse outro rapaz e de repente ele chegou aqui oferecendo tudo que uma mulher quer. Um príncipe! Se dando bem com todo mundo, falando coisas maravilhosas, tudo que se quer ouvir. O abusador é desse jeito, gente! Tudo que você quer ouvir: que vai ficar com você para o resto da vida, que as pessoas são injustas com você, e daí começou a me afastar dos amigos, da minha família, dizendo que estava todo mundo errado, que ninguém me respeitava, entendeu?! E mais uma vez eu caí na cegueira, na compulsão à repetição, repeti tudo de novo. Esse cara entrou na minha vida e fez o maior estrago que pode haver na vida.

De repente ele veio me ajudando, fazendo todo mundo pensar que ele era o homem da minha vida, o homem que ajudava, o homem que andava comigo na cadeira, que cuidava de mim nas pós cirurgias, porque eu fiz três cirurgias grandes e ele sempre estava do meu lado, mas por outro lado, ele se apossava do meu cartão e ganhava a confiança de todo mundo. Era um ma-ni-pu-la-dor profissional. Ele tirava dinheiro de mim, tirava dinheiro da minha irmã, ele tirava dinheiro de toda as formas. Acabou com o meu dinheiro, a violência patrimonial foi a que mais se sobressaiu em torno disso. No final eu estava pagando até pra ele me ajudar. Porque ele sempre

pedia dinheiro. Tudo era chorando miséria. Pra ajudar, estourou meus cartões de crédito. E quando eu vi que ele já estava pedindo à minha irmã e mandando ela não falar pra mim. Aí isso já foi fazendo eu ter outra percepção, entendeu?! Sempre me diminuía. Fez eu gastar, fez eu fazer empréstimo, me induziu a pedir aposentadoria do meu concurso. E de repente, quando eu comecei a perder tudo, ele começou a ficar agressivo. Começou a usar drogas, começou a me tratar mal e usou de todas as violências que se pode imaginar. A violência patrimonial, a violência sexual, pois teve dias que eu não podia falar nada e ele simplesmente forçou o sexo comigo. Não foi uma e nem duas vezes, e eu calada, não podia falar porque a gente estava dentro da casa dos meus pais. E eu tentei fazer com que esse casamento desse certo, por carência, dependência. Eu estava muito frágil. E em meio a terapia (porque eu fui procurar terapia, que eu estava me deprimindo, de verdade) foi quando eu comecei a ver a luz no fim do túnel e o médico falou que eu podia ser uma psicanalista pra ajudar outras pessoas também.

Eu comecei a perceber os maus tratos, os tipos de violência. Comecei a ficar mais esperta. Comecei a perceber coisas sumindo dentro de casa, como os anéis da minha mãe, sabe?! Muitas manipulações. Eu arranjava emprego pra ele, mas ele saía porque nunca estava bom, sempre ele era vítima, entendeu?! Ele simulava assaltos, simulava muita coisa e a gente acreditava. Ma-ni-pu-la-dor, violador. E quando ele gritou no carro e bateu na direção e que assustou o meu filho, eu disse “aqui, basta! Eu não vou mais tolerar isso!”.

Queria andar comigo, me forçar a andar. Ele começou a mostrar a sua cara. Depois que eu consegui me aposentar e comecei a ganhar uma miséria, aí foi que ele começou a mudar. Ele começou a me expulsar da casa dele que eu tinha ajudado a construir. Um dia eu chamei um amigo, fui embora de lá e nunca mais voltei. E eu ainda dei uma tentativa a ele, mas quando aconteceu dele gritar e bater na direção na frente do meu filho, eu disse “Meu filho, tenha calma que eu vou resolver isso”. Foi quando eu disse que ia botar a polícia se ele voltasse aqui. Até manifestações agressivas diante da minha mãe porque eu não queria ir com ele andar de moto. Ele queria jogar essa moto em cima de algum carro pra me matar, eu tenho certeza disso. Ele queria ficar com minha aposentadoria porque ele não quer trabalhar,

ele nunca quis, ele sempre se aproveitou de mulheres pra poder sustentar ele e a mãe dele. E hoje, com três anos de separação, eu percebo o quanto eu fui ingênua. Porque a gente não consegue ver. Ele me chamou de aleijada, “também, como é que eu vou correr atrás de uma pessoa aleijada que nem você? Você é uma aleijada! Uma pessoa que nem eu, fica indo atrás de uma pessoa normal”. Demorou muito pra eu superar isso. Talvez eu não tenha superado ainda. Talvez eu não tenha superado ainda, mas é um dia de cada vez. Um dia de cada vez.

Depois da pandemia, no final do ano de dois mil e vinte, eu dei um basta e ele praticou a última violência contra mim. A moral. Saiu me difamando por aí, se fazendo de vítima novamente, tentando pegar outra vítima, dona de uma mercearia perto do bairro dele, que ele já estava diferente comigo. A mulher percebe quando o homem está diferente. Então ele já estava querendo dar o golpe em uma agente de saúde quando as meninas se mobilizaram e alertaram ela e eu acho que ela conseguiu sair dessa. Hoje eu não sei notícias dele, nem quero saber, entendeu?! Só sei que eu deixei ele com a casa arrumada e ele não me deixou trazer as coisas de lá. Acho que foi o pior relacionamento de todos. Hoje eu tenho medo de me relacionar, até porque os homens têm preconceito, que é outro tipo de violência, o preconceito contra mulher com deficiência. A infantilização da mulher com deficiência, a invisibilidade. São três temas que dão “pano pras mangas”. Essa é minha história de violência contra a mulher. Uma violência que não chegou, às vias de fato, a bater. Mas a violência patrimonial prevaleceu. A moral e a psicológica também. Ele não chegou a bater porque eu me livrei antes.

Passei muito tempo deprimida, sem perspectiva, sem coragem nada. Passei muito tempo, é... e eu acho que era uma depressão porque eu não queria mais nem sair da cama, eu não tinha mais perspectiva. Eu perdi o meu dinheiro, eu perdi os meus cartões, eu perdi o meu benefício. Junto com o meu salário de quase quatro mil reais. Porque eu fui induzida a me aposentar, mas ninguém acredita e eu não tenho como recorrer porque eu assinei de próprio punho a minha aposentadoria juntamente com os médicos. Então, se eu tiver de ganhar melhor agora é em outro concurso porque no que eu me aposentei por invalidez é inviável.

Estou na batalha como profissional voluntária nas instituições. Porque isso tá sendo um tipo de salvação pra mim. Ajudar e cuidar de quem cuida, que é o projeto que eu estou executando. Estou tentando ser reconhecida e lutando contra a violência, esclarecendo às outras mulheres o que realmente é a violência contra a mulher.

Narrativa 4

Quando eu era adolescente, me envolvi perdidamente por um rapaz mais novo que eu 01 (um) ano. Ele se apresentava como muito apaixonado, cheio de demonstrações públicas de carinho, cantava pra mim, fazia músicas em minha homenagem. Parecia realmente gostar da minha companhia. No entanto, brigávamos bastante, porque ele era muito safado, me traía em festas que ele ia escondido.

Eu, por ser muito novinha, minha mãe não me deixava sair com ele. Era da missa pra casa. Em um certo tempo de namoro, começou a me cobrar a virgindade, querendo transar comigo. Eu, muito inocente, achava que só depois que casássemos era que eu poderia fazer algo a mais com ele. Ele, toda vida que tentava um algo a mais e eu não queria, se chateava e ia me trair. Quando eu descobria, ele colocava a culpa em mim, revertendo a situação. Eu me sentia péssima, passava a me odiar muitas vezes, por não conseguir ceder e por me esconder dele, em certas circunstâncias, mesmo querendo muito estar em sua companhia.

Uma vez, ele levou o meu irmão mais novo pra sair e não me disse pra onde iria. Fiquei bem desconfiada, pois saíram sorrindo. Quando retornaram, ele não me contou absolutamente nada, apesar de eu insistir. Depois, pressionando o meu irmão e subornando-o, ele acabou confessando que foram pra um motel e que meu namorado tinha levado 02 (duas) garotas, uma pra cada e cada um ficou em um quarto. Isso me destruiu por dentro, chorei por vários dias, depois de ter acabado o namoro e ele ter dito “fiz e faço novamente, enquanto você não se entregar pra mim!”. Depois, ele veio, me pedindo pra voltar e prometendo nunca mais fazer nada igual, e eu acabei acreditando, mas, tudo se repetia e a culpa sempre era minha, de tudo de errado que acontecia na nossa relação.

Tive inúmeras brigas com a minha mãe por conta dele, pois ela não queria me liberar pra sair com ele e não o deixava ficar por muito tempo na minha casa, tendo que ir pra casa dele muito cedo. Então, às vezes ele me culpava, dizendo que eu não tinha moral com a minha mãe e que ele não aguentaria isso, se eu não fizesse por onde isso mudar e, daí, saía com raiva, ia pras festas e mais uma vez, quando eu descobria, ele dizia que a culpa era minha, que tinha deixado ele com raiva.

Nosso relacionamento teve diversos términos, eu sempre perdoando e tentando fazer com que tudo desse certo, mas, no fim, a traição sempre aparecia e eu descobria diversas vezes, com várias pessoas, em muitas festas e “saidinhas” dele. A mãe dele sabia de tudo, mas nunca me contava, pois o protegia muito, pois era filho único e ele era muito agressivo quando ela tentava me proteger. Ela também era uma vítima dele, nesse sentido de violência psicológica.

Ele nunca me bateu, mas eu sofri moralmente e psicologicamente, demais. Consegui me sair dele, depois que ele engravidou uma ficante dele, mesmo namorando comigo. Coloquei um ponto final nisso, mesmo estando em um enorme sofrimento psicológico e em uma dependência emocional sem precedentes. Só que dali em diante, eu vi que realmente não tinha limites pras safadezas e que eu jamais teria condições de ser perfeita pra ele, como ele queria que eu fosse. E mesmo se eu fosse, ele ainda me faria sofrer, porque nada daquilo era culpa minha. E sim, dele. Somente dele.

Eu cortei relações, não o atendia mais, quando ele vinha na minha porta, mandava dizer que não estava. Quando ia pra missa, não ia só, pra que ele não pudesse chegar mais perto de mim tão facilmente como antes. Fui me protegendo das formas que eu conseguia. Pedia para as amigas não falarem mais no nome dele e nem me dizer mais nada da vida dele. Assim, fui conseguindo me curar daquele sentimento e da presença dele em minha vida. Comecei a namorar outra pessoa e parece que pra ele a ficha caiu de que eu não o queria mais mesmo. Não me procurou mais e seguiu a vida dele, sendo escroto com outra pessoa.

Narrativa 5

Eu conheci o meu ex, que também foi o meu primeiro namorado, em 2011. Eu tinha 17 e ele tinha 22. A gente começou a se relacionar, a ficar durante um mês, só ficando e depois desse tempo ele veio até mim, falou que estava se envolvendo com outra pessoa e me pediu desculpa por isso, mas que era complicado e eu disse “tudo bem, então a gente para por aqui e vamos continuar vivendo”. Só que poucos dias depois ele começou a me ligar de novo, dizendo que estava com saudades e perguntou se podia me ver e eu na minha inocência ou na minha tolice, não sei, por também já estar envolvida de alguma forma, porque a gente ficou durante um mês, mas a gente já vinha conversando há uns três meses por rede social, antes disso. Então, de alguma forma eu já tinha um vínculo com ele para além desse um mês ficando. Ele voltou a me ligar, dizendo que estava com saudades de conversar comigo e de me ver, perguntou se poderia continuar conversando, pediu pra me ver e eu fui vê-lo. Acabamos ficando de novo e nesses momentos eu esqueci de perguntar se ele ainda estava ficando com a pessoa. Eu não questionei sobre isso, porque até então na minha cabeça e na minha inocência ou tolice, eu não precisaria perguntar, porque eu acreditava que ele não iria querer ficar comigo estando com outra pessoa, então eu deixei levar o bonde.

Depois disso ele acabou dizendo que ainda estava com a pessoa e eu senti muito quando ele disse isso, porque ao mesmo tempo que ele ainda estava com outra pessoa, mesmo ficando comigo e mesmo ficando com a outra pessoa, né, vivendo essa vida dupla, ele me relatou que não queria parar de ficar comigo, não queria e eu falei “é simples, é só você parar de ficar com a outra pessoa, é simples, ficar com as duas é que não dá certo”. E hoje eu consigo perceber que foi a partir dali que ele já vinha dando sinais de que não seria saudável, mas reforço, não sei se por ser jovem ainda, por não ter experiência, por não ter vivido outros relacionamentos, eu acabei continuando a ficar naquilo, acreditando no discurso dele, acreditando no discurso de que ele sempre me dizia que ele resolveria aquela situação, de que não era aquilo que ele queria pra vida dele e que ele estava decidido que queria ficar comigo, mas que precisava resolver como sairia daquela

outra situação com a outra pessoa. E ele começou a falar que me amava, que era comigo que ele queria construir algo e se esforçava muito pra me ver, segundo ele.

Sempre quando estávamos juntos ele fazia parecer que eu era a única, que eu era especial e com isso eu fui ficando. Até que um dia, de fato, depois de muito tempo, ele finalizou com essa pessoa e acabou me assumindo pra a família, apesar de que a família já sabia que a gente estava junto, mas assim, me pediu em namoro de fato. Na época até então eu me sentia como se eu tivesse só ficando, num relacionamento que não era sério, mas continuamos a ficar. No começo foi tudo muito legal, tudo muito maravilhoso e com um tempo eu comecei a descobrir traições e ele sempre me pedia perdão no final de tudo, que aquilo não se repetiria, que não sabia o porquê que ele fazia isso e eu fui perdoando, fui perdoando, uma traição atrás da outra. Eu fui descobrindo e perdoando, porque ele conseguia de alguma forma em palavras me engabelar, me envolver de volta. Porque uma coisa que ele sempre foi muito bom foi com as palavras e eu comecei a admirar ele por isso, no início, né. Porque ele era muito bom na conversa, tinha sempre um papo muito cabeça. Porém, hoje eu consigo perceber que ele usou todo esse dom contra mim, porque querendo ou não isso me feriu de alguma forma, porque ele usou disso pra fazer com que eu ficasse naquilo, me envolvendo e não me deixando sair e eu fui ficando.

Nosso relacionamento foi de altos e baixos. À medida que eu ia descobrindo as traições e ele me pedindo perdão, dizendo que não voltaria a acontecer, a gente passava um tempo muito bem após as traições. É como se ele tentasse me provar ou me enganar de alguma forma que aquilo não voltaria a acontecer. Ele me fazia ficar lá em cima como mulher, entendeu, fazia de tudo, me dava do bom e do melhor em ações, em me envolver. Ele sabia que eu sempre me sentia muito bem com a família dele, eu adotei a família dele como a minha segunda família, então ele me envolvia de uma certa forma pra fazer parte realmente da família e isso me dava uma esperança de que realmente de fato ele queria mudar. E aí eu fui ficando, fui ficando e depois de um tempo que a gente passava muito bem, começava novamente a descobrir traições. Ele saía de casa,

me deixava em casa, na casa da mãe dele e saía, dizia que voltava logo. E só saía pra beber e se envolvia com outras pessoas e pouco tempo depois eu descobria, a gente brigava, eu chorava e questionava porquê ele fazia isso comigo, se era algo que estava faltando em mim, ele me fazia questionar se eu estava deixando a desejar o nosso relacionamento. Porque eu tinha em mente que se ele estava procurando alguma coisa fora é porque ele não estava tendo alguma coisa aqui dentro e eu me culpava por isso. E eu fui questionando o porquê daquilo, por que ele fazia se eu não merecia, se eu cuidava e ele reconhecia tudo aquilo que eu falava, ele validava “não, de fato, você é a mulher que eu sempre sonhei”, mesmo nas discussões ele dizia “você é a mulher que eu sempre sonhei em ter, você mesmo eu errando você me acolhe, você cuida de mim, todas as vezes que eu chego em casa bêbado de farra com os meus amigos e eu tenho ressaca, você cuida de mim, mesmo sabendo que eu estava indo ser ruim de alguma forma”. E eu não entendia porquê ele falava que reconhecia isso, mas não valorizava.

E à medida que eu fui descobrindo toda a traição, as humilhações e a gente foi vivendo isso de altos e baixos, eu comecei a ficar neurótica. Tudo que ele falava pra mim eu achava que era mentira e isso foi impactando nosso relacionamento também, de alguma forma. Pra mim, a todo instante, se ele saísse de perto de mim, ele estaria indo ver alguém pra me trair. E eu fiquei de uma forma que hoje eu consigo me perceber, hoje olhando pra mim daquela época, eu percebo que eu estava sendo altamente possessiva, neurótica. E me tornei, né isso, naquela época. E ciumenta de um nível extremo, desconfiada, não confiava mais, não tinha confiança entre eu e ele, mais da minha parte, porque eu nunca errei com ele, eu nunca o trai, nunca passou pela minha cabeça. Mas eu sempre descobria algo dele e isso foi impactando também nosso relacionamento. Ele começou a me chamar de grudenta, de não dar espaço pra ele respirar, de estar o sufocando, mas eu comecei a fazer isso porque na minha cabeça, se eu desse espaço pra ele, se eu não tivesse questionando aonde ele estava, com quem estava, eu estaria dando oportunidade pra ele me trair. Na minha cabeça, de alguma forma, eu conseguiria controlar isso, por simplesmente não conseguir abrir mão, não conseguia sair daquilo.

Não me via de fato fora daquilo, porque toda vida que eu tentava sair ele dizia que não, que me amava, que não era aquilo que eu queria, que ele ia mudar e aquilo foi internalizando em mim de uma forma que eu fui acreditando.

Um tempo depois ele pediu pra terminar e eu sofri muito, muito, muito. Eu questionava porquê dele querer terminar, ele disse que não estava dando certo, que eu sufocava demais e eu sofria, sofria demais e não queria o fim daquilo. Hoje eu consigo perceber que eu estava totalmente dependente daquele relacionamento, porque à medida que eu fui me relacionando com ele, eu fui deixando todo o resto da minha vida de lado, eu não vivia mais pra mim, eu vivia em função dele. Eu não saía mais com amigas porque ele era ciumento também, muito ciumento e ele sempre mostrou traços de sentimento de posse, sabe, como se eu fosse algo dele, não me permitia sair com roupas muito extravagantes. E eu não conseguia sair daquilo, me questionava, me questionava demais, o porquê de tá querendo permanecer naquilo.

Nesse processo minha família sofreu junto comigo, porque eu emagreci demais, eu cheguei a pesar 47 kg, pra uma altura de 1.60 é um peso muito baixo, então minha família se preocupou, a família dele. Eu não vivia, eu só queria ficar dentro de casa, em cima de uma cama por estar longe dele. Nisso ele já estava se relacionando com outra pessoa e mesmo se relacionando, mesmo tendo pedido o término, o fim do nosso relacionamento, e estando em um relacionamento com outra pessoa ele tornou a me ligar, tornou a querer me ver e eu comecei a aceitar isso, mesmo ele estando com outra. Quando eu percebi, eu estava ficando com ele não mais sendo a namorada dele e sim sendo a outra. Eu me coloquei nesse local e isso foi reforçado mais ainda porque eu ficava com ele, mais eu ficava na casa dele, ou seja, com a família dele, todos os eventos que tinha em família ele não levava a pessoa com quem ele estava na época e sim a mim. E eu acho que aquilo acabou reforçando o meu ato de ficar também, sabe. Poxa, na minha cabeça eu tinha “se eu estou aqui na família dele junto com todos os eventos da família, aniversário de família é porque de fato ele quer algo” e eu sempre voltava pra esse ponto. Mas, ao mesmo tempo, eu questionava “porque então ele está lá também?”.

Isso teve muitos desencontros, muitas confusões, porque a outra pessoa envolvida também sabia da minha existência e também se permitiu viver aquilo e foi onde começaram as brigas e mais brigas e discussões, onde começaram as agressões.

Começaram a ter episódios de agressões físicas da parte dele por eu sempre questionar e começar uma briga, por questionar o porquê dele estar fazendo aquilo. Continuava fazendo, né. E ele dizia “não quero conversar, eu quero só sair, deixe eu sair” e eu acabava trancando a porta porque eu não aceitava que ele não começasse e terminasse aquela conversa, que ele fugisse. Eu não aceitava e por não aceitar ele acabava me pegando pelos braços à força, me machucando e me batendo na cara. Ele me batia, dava um tapa e logo após me pedia desculpa, mas dizia que a culpa era minha porque eu não deixava ele sair na hora que queria, porque ele já queria sair pra evitar fazer aquilo comigo e que a culpa dele estar se tornando daquela forma era minha, totalmente minha, dele estar se tornando agressivo. E eu acabei puxando essa culpa pra mim de fato, eu acabei introjetando dentro de mim que eu era culpada daquilo tudo estar acontecendo. Eu continuei saindo com ele, mesmo ele sendo daquela forma comigo, porque eu puxei esse “poxa, sou eu a culpada dele estar se tornando assim, então eu tenho que mudar”. Pra mim, na minha cabeça, era eu que tinha que mudar.

Só que com um tempo aquilo foi ficando pior e pior e eu aparecia roxa e nunca conversei com ninguém na época, não me abria. Eu sempre dizia que eu me machucava de outra forma, nunca afirmava que era ele, porque na minha cabeça a culpa era minha. E no final ele me pedia desculpa e por isso ficava tudo bem. Só que com um tempo eu comecei a perceber que aquilo foi ficando insustentável, sabe. As pessoas me aconselhavam pra sair daquilo. Eu comecei a ter a noção de que realmente aquilo não era saudável pra mim, mas eu, de uma certa forma não conseguia, porque toda vida que eu começava a querer andar com as minhas pernas, ele voltava pra minha vida e tentava me puxar de volta pra aquilo.

Quando eu consegui de fato me envolver com outra pessoa, ficar, né, que não fosse ele depois do término, ele descobriu e disse uma frase que pesou muito: “Eu quero livrar de ver a pessoa com quem você ficou, porque se eu ver, é capaz de eu tacar o carro por cima”; e isso me amedrontou demais porque eu não sabia até onde ele era capaz de fazer. Depois disso eu não consegui por muito tempo ficar com ninguém, sabe. Porque ele me amedrontou de uma forma que eu até poderia ter vontade de ficar com outras pessoas, mas eu não conseguia com medo dele fazer algo comigo e com a pessoa. Só que nesse tempo ele conseguia me fazer ficar também com ele, mesmo com tudo isso. Não de forma forçada, mas ele me envolvia com as palavras, ele se aproveitava das minhas fragilidades, dos meus gostos, porque ele me conhecia, então ele utilizava tudo isso pra me envolver novamente naquele ciclo.

Com tudo isso, ele foi dizendo que eu estava doente, que eu precisava me tratar e, de fato, hoje olhando pra aquela época eu consigo perceber que aquilo que ele falava era verdade. Uma das poucas coisas que saia da boca dele que realmente ele tinha razão era de que eu estava doente. Mas hoje eu consigo perceber que eu adoeci pelas ações dele e que realmente a dependência emocional é uma doença e é de cunho psicológico. Eu fiquei em um estado adoecido e com um certo tempo isso foi passando. Continuei com outras pessoas, ele continuou me procurando, algumas vezes eu cedia, mas eu fui começando a viver outras coisas, me permitindo viver outras coisas, outros ciclos.

Eu me envolvi em um grupo de corrida, o qual me ajudou muito nesse processo, né. Comecei a treinar corrida e fui vivendo outros ciclos de amizade, porque até então, meus ciclos de amizade eram muito poucos, muito pequeno. As únicas amizades que eu tinha na época era com a irmã dele que tentava também me fazer sair daquilo, me ajudava de alguma forma, mas que querendo ou não tinha um vínculo com ele e ele sempre tentava estar onde eu estava com ela. Como forma também de se fazer presente, dizer que ainda estava ali na minha vida, enfim. Eu fui me permitindo viver outras coisas e fui saindo daquele ciclo de somente de amizade com a irmã dele, com a mulher da irmã dele. Eu fui treinando, conquistei disciplina, consegui ter algum propósito de alguma forma e

a corrida me proporcionou isso. Aquilo foi se tornando terapêutico pra mim, eu fui me sentindo bem com aquele processo de treinar, de estar vivendo outras coisas, de me inserir em um novo grupo diferente que era muito acolhedor. Aquilo foi se tornando uma família pra mim e eu também fui conhecendo outra pessoa que sinalizou ter sentimentos por mim, mas que por saber que eu vivia tudo aquilo, ele não tentava nada, porque conhecia minha história com meu ex. Ele enfatizou que sabia que eu era muito mais do que isso, que eu merecia algo muito melhor.

Depois de tudo, eu fui me envolvendo emocionalmente com essa pessoa. Até então, eu achava que não eu conseguiria me envolver com outra pessoa emocionalmente falando, porque pra mim eu estava morta, eu só conseguia sentir sentimentos pelo meu ex abusivo, né. Porque ninguém tinha conseguido chegar a me tocar, eu conseguia ficar com outras pessoas, mas não tinha sentimento, sabe, era realmente algo do momento, algo de ordem da carência, até o momento dessa pessoa entrar de fato na minha vida e me tocar, emocionalmente falando.

Eu comecei a me apegar e a esquecer o meu ex, só que essa pessoa que conseguiu esse feito, né, ela também com um tempo se tornou tóxica pra mim, tóxica, muito tóxica, porque tentou se mostrar ser melhor que o meu ex, mas agiu de alguma forma igual a ele. Não me agredindo, não me agrediu fisicamente, não me machucava com palavras, não me diminuía como meu ex fazia, mas ele me machucou com ações. Ele estava comigo, ficando comigo e acabou ficando também com outra pessoa. E eu comecei a reviver aquele ciclo de novo e aquilo foi me causando uma dor, sabe... um sentimento de ser insuficiente pra poder estar em um relacionamento. Digo “poxa, viver isso de novo? Me questionar isso de novo, viver isso de novo, como pode? O que acontece comigo que esse ciclo se torna um limbo, como se eu tivesse vivendo num limbo, se torna um repetir?”.

Mas agora eu tinha uma bagagem, sabe? Eu já tinha passado por muita coisa, muita traição, muita humilhação, muito desrespeito, muitas agressões, não só físicas como emocionais também, me diminuindo no sentido de ser mulher. Então eu passei muito tempo, de 2011 até 2020, por aí, em um relacionamento abusivo. Foi onde eu conheci em 2020 essa outra pessoa que conseguiu fazer com que eu me conectasse emocionalmente

de novo, apesar de não ter sido tão bom pra mim também, saudável, por ele ter se envolvido com outra pessoa e querer continuar com as duas, enfim. Mas, hoje eu consigo perceber que foi através disso que eu consegui amadurecer e consegui por um ponto final naquilo tudo. Porque eu me reconheci de que eu consigo viver de novo, eu consigo sentir de novo, porque o meu gostar, o meu amar não estava atrelado e amarrado a tudo que eu vivi, que eu conseguiria amar outra pessoa de novo. Não, o meu amor não se limitaria ao meu primeiro namorado, não se limitaria a aquilo. Ele me fez ter força, ter esperança, ter gás pra buscar algo novo, viver algo novo e conseguir seguir em frente com isso.

E (...) a prova disso é que mesmo eu tendo colocado um ponto final, meu ex que foi meu primeiro namorado continuava a ligar, me ligou até um dia desses, né, diga-se de passagem. Querendo conversar, querendo me pedir desculpa por tudo que tinha me feito passar e que ele reconhecia que aquilo não era de ordem saudável, que eu não merecia ter passado por tudo aquilo, que a culpa era dele e não minha, que se pudesse ter feito tudo diferente ele faria. Então até hoje se eu permitisse, ele ainda estaria na minha vida. E ele sempre vinha com esse discurso de que me admirava muito, porque apesar de todo mal que ele tinha me feito eu estava ali dando ouvidos a ele, o escutando. E eu vi que consegui sair de tudo aquilo porque quando ele falou isso, eu falei pra ele, “olha eu estou aqui porque eu sou uma pessoa e porque eu reconheço tudo o que passei e reconheço o que foi de ordem minha e o que foi de ordem sua, então, eu conversar com você aqui não é nada mais, nada menos, do que algo natural do ser humano, são duas pessoas conversando. Reconheço que você passou pela minha vida e que fez parte da minha história, de quem eu sou hoje, porque tudo que a gente vive demarca algo na nossa personalidade, no nosso modo de ser e de se reconstruir e que eu já passei por todas as fases”. Isso no sentido de já ter sentido amor, de ter sentido paixão. Eu senti muita tristeza, eu senti negação, todo esse tempo eu senti o sentimento de negação, de raiva. Eu senti por muito tempo o sentimento de raiva frente a ele e também o de saudade, de falta, o de mágoa, porque quando todos esses sentimentos passaram ficou a mágoa de “poxa, porque, porque ele me fez passar por tudo isso?”. Eu não sentia mais saudade de estar com

ele, mas sentia uma mágoa e eu reconhecia isso, só que mesmo eu dizendo que não sentia mais nada, a mágoa é um sinalizador de que ainda existia um sentimento, porque querendo ou não, “mágoa por que? porque eu sentia aquela mágoa?”.

Eu reconhecia que “poxa, se eu sinto mágoa é porque eu sinto algo” e naquele momento que eu estava conversando com ele, ele dizia “ahh, você é muito boa porque mesmo depois de tudo que eu fiz você ainda está aqui conversando comigo, né”. Eu falei tudo isso pra ele de que eu já tinha passado por todos os sentimentos, estágios que eu tinha que passar, até da mágoa e eu cheguei no patamar que eu sonhava em viver a fase de não sentir nada referente a ele, nem mágoa. E então pra mim era normal estar falando ali com ele porque eu não tinha mais sentimento nenhum, eu já tinha resolvido de uma certa forma tudo que eu tinha pra resolver com ele. Eu já não tinha que o perdoar, porque já não me atravessava como antes.

Mas claro que isso não significa que hoje eu não vá ter sequelas do relacionamento que eu vivi. É claro que vai haver, até porque foi um período longo, diga-se de passagem, e muito intenso, por eu também ser uma pessoa intensa, viver tudo de forma muito profunda, muito forte, então, querendo ou não isso vai repercutir em mim hoje, querendo ou não eu vou ter sequelas daquilo, mas o que eu faço com essas sequelas é o que tem diferenciado na minha vida, sabe. Hoje eu consigo racionalizar o que eu sinto, não ajo por impulso como antes, mas pra isso tudo acontecer foi um processo de ressignificar, de paciência, de me perceber. E eu nunca consegui fazer terapia nesse período atribulado que eu passei, referente a isso. O cursar Psicologia também foi um divisor de águas, porque eu consegui de alguma forma aplicar aquilo que eu aprendi em mim, isso foi um “bum”, sabe. Acredito que me ajudou bastante e hoje eu estou aqui. Estou aqui e percebo que preciso muito melhorar, mas como eu falei, eu consigo racionalizar as sequelas que eu ainda tenho, eu ainda sou insegura frente a relacionamento, ainda tenho alguns traumas referentes a confiar no outro, mas que com o meu atual relacionamento isso tem sido muito bem trabalhado, porque meu atual relacionamento, diferente do que eu vivi, ele é extremamente saudável e isso me causa estranheza,

sabe, porque eu não sei o que é viver algo saudável, não sabia viver, na verdade. E hoje eu estou em algo saudável, isso querendo ou não é um local diferente pra mim, é um local estranho, porque eu não sabia até então o que era ter algo assim. Só que o meu atual namorado sempre foi ciente do que eu vivi, sabe tudo que eu passei e eu nunca escondi nada. Todos os meus erros, todos os meus acertos, eu sempre fui muito sincera, porque da mesma forma que eu queria que ele fosse sincero comigo, porque ele também tinha uma bagagem, então ele tem me ajudado bastante nesse quesito, tem sido paciente, tem sido compreensivo e tem trabalhado em mim também esses meus anseios frente a confiar, a não sentir mais a necessidade de estar vasculhando, inspecionando. Hoje eu consigo perceber que eu não preciso disso, porque a pessoa com quem eu estou tem me dado a confiança que eu preciso ter, pelo menos, devido às minhas sequelas, não tem me feito desconfiar de algo, tem sido presente como o outro não era, tem sido paciente, tem sido acolhedor e hoje eu não sinto como ele me fazia me sentir antes, meu ex. Não sinto que eu sou possessiva, que eu sou grudenta, que eu sou desconfiada, não sinto que sou assim hoje, muito pelo contrário, eu sinto que eu dou total espaço pra o outro ser quem ele é, fazer o que ele gosta e isso tem me feito muito bem.

E acredito que a chave, pelo menos pra mim, de forma muito subjetiva, pra sobreviver e ver novos horizontes, para além daquilo que eu vivi é o se permitir de fato, mesmo com medo, mesmo com receios, mesmo não tendo certezas, porque a gente gosta de fazer aquilo com certeza, ter as garantias da vida, mas a gente nunca vai ter. Mas o se permitir mesmo com todas as questões, mesmo com todas as interrogações se vai dar certo ou não, é essencial pra um processo de cura. O se permitir talvez seja muito clichê, mas de forma prática, contando a minha experiência de fato, o se permitir para além de todas as questões, interrogações, foi o crucial no meu processo de cura. O reconhecer toda essa trajetória. O fato de ter resiliência também foi algo primordial na minha cura, no meu processo de sair de tudo aquilo e o ressignificar também é preciso. Eu nunca, nunca presenciei de fato essas palavras até hoje, né, até esse

momento, o se permitir, a resiliência, o ressignificar. Essas foram as três coisas que se fizeram precisas pra o meu processo de cura de tudo aquilo que foi tóxico, sabe, na minha relação.

E eu tive uma rede de apoio muito boa, eu sempre tive, né. Mas eu percebi que eu precisava de algo a mais que do que a rede de apoio, porque desde o início desses processos eu sempre tive isso, mas precisava de algo, de algo em mim, precisava ser impulsionado de dentro de mim. Minha rede de apoio ela teve ali pra me potencializar tudo aquilo que eu estava disposta a fazer. E eu tive isso e foi maravilhoso, né, de fato.

Era preciso que, para além da minha rede de apoio, eu tivesse a coragem de fazer a escolha de sair daquilo, era preciso que partisse de mim e pra quem está em um relacionamento assim abusivo eu acho que é uma das partes cruciais e que demarca muito é a coragem de fazer essa escolha, é a coragem de escolher não se permitir ficar naquele lugar onde te fere como mulher, onde te diminui como ser humano, onde fere sua dignidade, de uma certa forma. Onde te violenta como ser e eu acho que é preciso muita coragem, isso demarca muito para quem está dentro de um relacionamento assim. Mas que, a partir do momento em que se escolhe e que se opta por ter essa coragem, o processo a partir dali ele pode ser difícil, porém, ele é de uma potência, de uma força que só quem passa consegue sentir e imaginar o que eu estou falando.

A partir do momento que a gente se permite escolher e ter esse ato de coragem, cada pequena conquista, cada pequeno obstáculo que você vai conseguindo se sobressair, aquilo é um gás a mais pra a gente continuar, porque aquilo faz a gente se sentir, se perceber, sentir orgulho de si mesmo, sabe. E a sensação no decorrer do processo, por mais que seja difícil é extraordinário, é muito extraordinário. E olhar pra traz, pelo menos hoje pra mim não é mais doloroso, o falar não é mais doloroso, pois se tornou uma fala e um discurso de sobrevivência, de poder, querendo ou não, porque eu passei por tudo aquilo e eu sobrevivi e hoje estou extremante melhor, sabe, como pessoa também, porque isso faz, tudo que a gente passa faz a gente amadurecer de certa forma, não só pra relacionamentos, mas pra vida e hoje eu tenho orgulho de quem eu sou hoje.

Por mais que eu tenha passado por muita coisa que eu não devia ter me permitido passar, mas que não me culpabilizo mais, porque gera um sentimento de culpa quando a gente vive aquilo, mas hoje eu não me culpabilizo por ter me permitido passar por certas coisas, eu ressignifico, sabe, e tento tirar o melhor do que eu vivi. E hoje eu falo sobre isso sem dor, sem peso, como se fosse algo, um livro da minha vida, uma parte da minha vida que eu vivi e que passou e falar isso aqui é algo da ordem do prazer, é algo que se tornou prazeroso me ouvir falar assim, sabe, dessa forma, verbalizar porque antes eu não conseguia, né. É muito satisfatório, espero que tudo que eu tenha falado aqui vá ajudar a alguém de certa forma.

Narrativa 6

Eu não sei escrever muito bem, mas a minha história é longa. Eu passei 16 anos casada, nos primeiros três anos foi maravilha, mas, depois ele começou a beber e quando bebia botava o chamado boneco, né. Bagunçava, quebrava tudo e aí foram 16 anos de sofrimento. Ele dava em mim, nesse tempo não existia Maria da Penha. Ele batia em mim, depois dizia que não lembrava e pedia perdão. Eu perdoava e foi se passando, foi ficando mais agressivo, eu apanhava muito...Tive meu filho, meu filho passou por cenas muito pesadas...Ele viu muita coisa. Eu peguei depressão.

Eu gostava muito dele, fiz tratamento no CAPS no Alto da Conceição. Ele saía pra farriar, bebia por aí, era até normal, mas quando chegava em casa era que virava tudo. Mas minha mãe, meus irmãos não queriam que eu ficasse lá, porque ele era tão agressivo de um jeito que quando ele chegasse, ia querer bagunçar, então eles não queriam. Às vezes eu passava a noite numa praça, pra dormir com o meu filho pequeno nos braços.

E depois passou-se e mais sofrimento...Outra vez ele correu atrás de mim e do meu filho com uma faca, a gente se escondeu dentro dum balde de lixo numa vila. Já quis tocar fogo dentro de casa...Eu apanhava.

Eu não desejo isso para mulher nenhuma, porque mulher nenhuma tem que passar por isso. Tem que dá parte, mas nesse tempo a polícia não servia pra mim. Porque a delegada de Mossoró dizia que tinha que ter testemunha e ninguém ia ser testemunha de “pêa”, de um marido dando na mulher. E aí eu achava que se eu dormisse com ele naquele dia eu não morria. E aí vivi os 16 anos e em 2007, no mês de setembro, eu me separei, no dia primeiro de setembro. E sobrevivi.

Quando meu filho tinha 01 ano e pouco passei a noite no hospital com ele, quando eu cheguei em casa a porta não abriu, ele estava com uma mulher na minha cama...Foi muito sofrimento.

Deixei porque eu não quis mais. Ainda saí por chifreira, que passei chifre, mas eu era pra ter passado os 16 anos de chifre, mas não passei não.

Narrativa 7

Bom, já tem mais de 20 anos que isso aconteceu. Eu morava, convivia com o pai da minha filha e ela ainda não tinha nem um ano de idade, né... Nós morávamos numa casa, nós três, e teve um dia que eu estava trocando de roupa no quarto e ele estava lá também. Ele se virou para mim e disse: “Nossa, como essa sua cirurgia é feia!”. A cirurgia que ele se referia era a cirurgia da cesariana. E continuou: “É muito feia essa sua cirurgia, eu já vi muitas cirurgias, mas a sua é muito feia, estranha, não sei...”.

Tipo, nossa, você sabe como é você se sentir e ser comparada a um lixo, a uma coisa ridícula, a um monstro, alguma coisa assim, foi como eu me senti no momento. Foi um dos piores dias da minha vida, sabe. Eu passei muito tempo, muito tempo, muitos anos da minha vida convivendo com essa dor de me sentir horrível, de me sentir ridícula, de me sentir monstro, sabe. Eu, a partir desse dia, eu não conseguia mais me ver no espelho sem roupa. E foi muito, foi muito ruim, foram momentos de muita dor pra mim que até hoje quando eu lembro, eu fico muito... Isso me dói ainda, muito.

Hoje, graças a Deus, eu consigo falar sobre isso e superei muita coisa, já me vejo no espelho, já não me acho ridícula, acho minha cirurgia linda, até! E para mim é um motivo de muita alegria porque foi por onde a minha filha nasceu que é o meu grande amor, grande amor da minha vida, mas, foi muito ruim. Essa sensação de se sentir horrível, de se sentir monstro e por conta das palavras cruéis de uma pessoa, que fala isso, então essa violência que eu sofri, eu tive, eu convivi com ela sozinha durante muitos anos, muitos e muitos anos.

Até mesmo para minha filha, eu só contei quando ela já era adulta. Acho que tem poucos anos atrás, eu acho que ela já tinha mais de 18 anos, 19 anos, não sei, e foi quando eu conseguir falar para ela. Acho que estava conversando com alguém, ela ouviu e quis saber. Eu acabei contando tudo para ela, a gente chorou muito, eu e ela, quando eu estava contando isso e foi muito doloroso, sabe. E assim, eu espero que contar essa história... essa história no seu livro... sirva para ajudar outras mulheres que sofrem com esse tipo de dor, esse tipo de violência, pra que elas consigam superar e não sofram tanto e consigam, porque eu acho que foi um erro que eu cometi, grave, com relação a isso, foi não ter falado, não ter buscado ajuda, não

ter compartilhado isso com alguém. Porque a partir do momento que eu compartilhei, eu vi que não era isso, não era aquilo, aquele monstro que eu vivi, que eu guardava dentro de mim. E assim, eu superei essa questão de falar sobre o assunto e também de não me achar mais um monstro.

Essa violência que eu sofri me bloqueou com relação a conseguir ter um relacionamento com outro homem ou com outra pessoa. A partir de então eu não consegui mais confiar em outra pessoa, em outro homem, não consegui mais ter nenhum relacionamento com outra pessoa, porque me vinha sempre aquele medo de passar por tudo isso de novo, entendeu. A minha filha não tinha ainda nem um ano e hoje ela tem 24 anos, então, faz 24 anos que eu não tenho relacionamento sexual, vida sexual, vida conjugal com ninguém. Essa foi a marca, a marca que ficou dessa violência que eu não conseguia superar.

Eu não sinto falta, sabe, eu não sou uma pessoa amargurada por ser só, sem ter um relacionamento, mas porque eu consigo ser muito feliz com a minha filha, com a vida que eu levo, eu consegui colocar no lugar desse vazio algumas coisas que eu gosto muito de fazer, como dançar, viajar. Confiar e ter um relacionamento com outra pessoa, não, eu não quis mais, essa foi a grande marca que ficou dessa violência. É isso, eu espero que essa história ajude a outras mulheres e eu não desejo para ninguém sofrer isso, esse tipo de violência é muito cruel...muito cruel.

Outra coisa que eu esqueci de dizer é que eu só me dei conta do que tinha, de que isso que eu vivi foi uma violência psicológica há pouco tempo. Há pouco tempo mesmo foi que eu vim perceber que tudo isso que eu vivi, que eu sofri, durante esses anos todos, foi uma violência psicológica.

Narrativa 8

Talvez quem inicie a leitura desse relato espere ler sobre agressões físicas, verbais em doses de agressões diárias. Talvez, para alguns leitores, não pareça sequer um relacionamento abusivo. Porque, para muitos, é o que se tem e se espera de relacionamentos. É a sociedade (machista, patriarcal) que nos ensina que os relacionamentos “Feitos Para Durar” são aqueles difíceis, que a tudo suportam, que ultrapassam barreiras e juntos vencem qualquer circunstância. Vou lhes dizer porque não é bem assim. Nesse relato lerão sobre um relacionamento exaustivo que acaba da forma mais pacífica que poderia acabar.

Não tem “Era uma vez” em histórias reais. Não há jeito certo para se falar de conteúdos sensíveis, vindo ele de algo pessoal que estamos relatando. Quando eu era mais nova me apaixonei por um homem mais velho que tinha quase o mesmo círculo social que o meu. Nos conhecemos através de amigos em comum. Ele sequer me conhecia, mas eu me apaixonei por ele quase que automaticamente. Por ser meu primeiro relacionamento sério, eu me entreguei e entreguei tudo o que podia. Com ele descobri prazeres, mas também aflições. Não vou mentir. Não é porque não deu certo que não tenha sido amada. Eu fui. Até hoje lembro de como eu fui idolatrada. Mas sabe qual o problema dos fãs obcecados? “Pedestais são prisões”; depois que se aprende isso, nunca mais as coisas são as mesmas.

Eu era mais nova que ele. Eu só tinha 15 anos e ele já estava na casa dos 20. E sim, meus pais aceitavam tudo. Nunca foi escondido. Ele era gentil, engraçado, despertava a confiança facilmente. Tratou bem todos da minha família. Era ótimo ter ele por perto. Passamos a conviver com muita intimidade. Ele estava na minha casa quase que o tempo todo. Fazia refeições aqui. Minha mãe zelava por ele porque ele só tinha o pai por perto. Ele se aproximou de todos a meu redor com uma facilidade muito grande. Ele sempre quis ter controle de tudo. Os sinais estavam lá. Sempre estiveram. Mas não dá pra cobrar maturidade de quem ainda não aprendeu certas lições.

Existem vários episódios que são claros na minha mente. Vou relatar alguns a partir desse ponto.

Estávamos conversando com amigos e ele entrou para beber água; segundos depois dois amigos que estudavam comigo apareceram, vinham

de moto de algum lugar. Meu ex correu, literalmente, para ver quem eram e para “cumprimentar” meus amigos também. A minha amiga chegou a comentar que aquilo era estranho. Mas pra mim, foi só ele se entrosando com meus amigos.

Certa vez eu estava experimentando roupas novas e ele disse em tom desgostoso e de reprovação que minha saia era curta demais. Minha me olhou incrédula e eu lembro de ter dado apenas uma resposta “grosseira” e um sorriso amarelo, dizendo que não era, pois minha mãe quem pagava pelo o que eu vestia, não ele. No entanto, nunca cheguei a vestir mais do que duas vezes aquela saia. Passei a não gostar do que eu mesma tinha escolhido pra mim.

Um casal sai pra passear, lanchar, ter momentos de lazer. É comum um namorado gostar de presentear sua namorada. É normal ver um homem pagando por essas despesas. Mas no meu relacionamento não havia isso. Eu paguei basicamente por tudo. (Obviamente que ele chegou a arcar com certas coisas, mas era raros demais esses momentos. Tão raros que todos sabiam que eu quem pagaria pelo que consumíamos). Os lanches, as saídas com a turma, presentes nas datas comemorativas, roupas, sapatos. Eu arqueei com tudo. Ele nunca tinha dinheiro pra nada, pois não tinha emprego. Sim, um homem com mais de 20 anos não tinha uma renda fixa, mas amava lanches caros, com direito a sobremesas. Eu nunca cobreí porque achava muito feio pedir coisas ao namorado. Eu me achava incrível por pagar. Até hoje prefiro dividir a conta porque não quero passar pela humilhação de ter alguém dizendo que me aproveito de alguém.

Eu era jovem. Meu sonho era me formar e ter uma carreira. Sempre quis viajar e provar coisas novas. Eu amava beber e conversar; amava ler e planejar viagens; amava minha liberdade. Amo tudo isso até hoje, só que com ele aquilo era meticulosamente mensurado. Ele detestava bebidas alcóolicas, logo eu não poderia beber. E raramente bebia; quase sempre ele estava comigo, medindo meu consumo de álcool.

Ele sempre deveria ser o centro da minha atenção, logo, eu não conseguia me concentrar nos meus interesses. Ele queria filhos cedo, eu não quero filhos até a data de hoje. Nós não começamos a transar sem camisinha porque eu concordei; foi ele quem se introduziu em mim,

enquanto namorávamos numa noite. Eu me desesperei no momento que pude sentir a pele dele, mas ele apenas disse “Já era, já era” e continuou. Eu não fiz nada; eu gostei daquilo porque aquilo parecia, na minha mente, aquele ato, nos deixava mais íntimos. Posso dizer que é um alívio não termos tido filhos, mas também afirmo que tive diversos sustos ao longo do tempo que passamos juntos.

Já se passaram anos desde que terminamos, mas lembro com muita amargura da primeira viagem que a minha turma da faculdade foi fazer. Era pra uma praia bem bonita, em outro estado, não íamos pagar a hospedagem, iam pessoas legais; ia ser incrível. Bem, foi incrível. Pra quem foi. Eu não fui. Quando eu cheguei com a ideia em casa, minha mãe chegou a aprovar, mas ele não. E ele estava incluso nos planos. Mas não. Ele bateu o pé e disse que não íamos. E eu não ia sem ele. Ele era meu namorado, eu o amava muito. Eu aprendi a não fazer coisas que o chateavam. Porque eu odiava deixar ele com raiva.

Ele não iria me bater, ele ia gritar comigo. Ele faria o jogo do silêncio e distorceria os fatos, fazendo com que eu acreditasse que tudo era culpa minha. E eu colocava toda a minha crença que tudo era culpa minha. Eu sempre pedia desculpas por tudo. Chorava com medo dele estar chateado com algo que eu tivesse feito ou dito. Eu li uma vez, e você já deve ter lido também, que quem se desculpa primeiro (mesmo não tendo feito algo) demonstra maturidade. Isso mexeu comigo de uma forma que até hoje eu acredito nisso. Mas também sei que isso só tem fundamento em relações saudáveis.

Eu tinha medo de perder o que eu acreditava ser o amor da minha vida. Tínhamos alianças de compromisso. E sempre estávamos com elas. Sempre. E passamos a ser mais fiéis a elas quando eu pedi, num impulso, que ele fosse meu noivo. Eu fiz isso porque eu não queria que ele fosse embora da minha vida; queria manter ele comigo. A razão do meu impulso foi simplesmente por perceber que ele estava chateado comigo e, na minha mente, ele me deixaria. Eu não conseguia pensar na minha vida sem ele. Não àquela altura do campeonato. Já havíamos passado a marca do primeiro ano; e eu lembro claramente de saber na marca desse primeiro ano que aquele homem não era pra mim.

O Ciúme era presente. Era quase uma terceira pessoa na nossa relação. De ambos os lados. Eu sou uma mulher que as pessoas gostam de rotular como “Difícil”. E esse temperamento de quem não abaixa a cabeça pra ninguém foi formado desde cedo. Tenho orgulho dele. Mas naquela época, ele se misturava demais com o meu ciúme. Eu acreditava que as pessoas o enxergavam como eu o via; eu o amava demais. E ele a mim. Todos os sentimentos misturados se tornaram possessão. Obsessão. Éramos viciados em saber onde o outro estava, com quem estava, o que fazia, com quem fazia. Era mútuo. Quando discutíamos, chorávamos. Bastante. A conversa não era bem um diálogo, pra que tudo se resolvesse. Era mais algo para botarmos pra fora e empurrarmos tudo o que foi jorrado com a barriga.

Nítidas são as memórias ruins. Elas ficam extremamente claras quando relembramos. Certa vez decidimos ir caminhar juntos. Combinamos o horário. Eu adoro pontualidade. Isso segue assim até hoje. Só não sou pontual se as coisas (trânsito, meio de locomoção) não dependerem de mim. Mas ele se atrasou. Isso fez com que todo o meu cronograma se atrasasse também. Aquilo me enraiveceu demais; não foi nossa pior briga, mas está no top 5. Lembro de discutir no meio, literalmente, da rua. Era 05 horas da manhã. Ninguém era testemunha. Estávamos com raiva um do outro. Eu pelo atraso dele, e ele por eu estar com raiva disso. Em algum ponto, ele estava me encarando muito e eu quis virar a cara dele. Mas não pus empenho ou força para um tapa; apenas empurrei o rosto dele pro lado. Ele fez o mesmo comigo. Eu ainda lembro a força que ele fez isso. Ainda sei qual mão ele usou, quais dedos empurraram meu rosto. Também lembro dele satisfeito de ter revidado. Nunca ouvi um pedido de desculpa dele por essa situação. Ele dizia que eu despertava isso nele.

Foram muitas coisas. Pequenas e irrelevantes ou grandes demais, onde qualquer um teria ido embora. Mas ninguém sai de algo quando simplesmente quer. É preciso estar preparado para deixar ir, para seguir sem a pessoa que você acredita amar. Porque vontade não é suficiente. É preciso maturidade emocional pra ter a atitude que muda a nossa vida. A chave que destravou minha consciência só veio depois de 2 anos e 6

meses. Era uma data comemorativa pra nós dois. Estávamos juntos havia dois anos e meio, mas eu tinha passado o dia fora, pois eu cursava minha graduação em outra cidade. Por eu ter ficado o dia fora da vigilância dele, ele estava estressado no dia. Quando chegamos em casa (ele me buscava na parada de ônibus), eu não fui descansar. Fui fazer janta pra ele e falar do meu dia, pra ele ficar por dentro de tudo.

Esse foi meu maior erro (ou diria acerto?). Ele ficou com muita raiva por eu ter ido pedir algo a um colega do nosso amigo em comum; eu sequer cheguei a falar com o colega, pois ele não estava em casa. Mas o fato de eu ter ido ser simpática, mesmo que não tenha passado da mera ideia de ser ao pedir o favor, não de ter sido de fato, com alguém do sexo masculino, o fez ficar com raiva de mim de um jeito que eu já conhecia. Aquilo ia virar joguinhos de persuasão. Mas já tinha 2 anos e meio de relacionamento. Eu não queria mais aquilo. Principalmente depois dele dizer “Eu vou mudar com você a partir de hoje, se você não mudar”. Ele estava dizendo que ia mudar seu jeito comigo se eu não me encaixasse na vontade dele, nos planos dele, no ideal de relacionamento dele. Eu o mandei embora naquele dia.

Na mesma noite, covardemente, mas também consciente de que ele não deveria voltar aqui, terminei com ele por mensagem via *WhatsApp*. Se ele viesse aqui, eu ia fraquejar. Eu ia pedir pra ele esquecer tudo e que eu o queria de volta. A madrugada foi de choro, de conversas com amigos em comum sobre o que tinha acontecido. Todos queriam saber o porquê. Foram dias difíceis depois disso. A minha família que nunca foi base pra mim, amava ele. E todos ficaram do lado dele. Meus amigos ficaram do lado dele, pois ele parecia mais abalado do que eu pelo término. Eu não rompi apenas com ele, mas com todos. Todos me deixaram de lado. Eu havia terminado com um “homem inteiramente apaixonado por mim, que me queria, que faria tudo por mim”, porque eu era supostamente uma mulher chata que não sabia receber amor.

De quase tudo ele fez pra me ter de volta na vida dele. Frequentou minha casa até eu exigir que minha família parasse de deixá-lo vir aqui. Aparecia na minha rua/casa da minha vizinha por estar apenas visitando amigos, mas era pra saber da minha vida. Quis fazer festa de aniversário

pra mim, mas eu barrei a ideia. Se embebedou e esmurrou paredes pelas ruas da cidade, chorando e dizendo que não queria mais nada da vida. Ia até onde eu estava apenas para ficar perto de mim, atormentando minha tão desejada paz. O final pra nós dois até hoje me deixa triste, mas não gosto de admitir. Assuntos mal resolvidos me deixam angustiada. Mas vejam: eu tentei do jeito calmo, desejando boas coisas; mas as atitudes dele me fizeram tomar o caminho da grosseria e sem compaixão alguma.

A vida de quem reconhece que merece algo melhor é difícil. Principalmente porque só sabe o que se passa num relacionamento quem está dentro dele. No fim, só queremos um amor tranquilo, apesar de que saímos desses relacionamentos abusivos acreditando que não merecemos ser felizes. Uma vez ouvi que a gente só suporta algo ruim; algo bom a gente aprecia.

As coisas que vivi, suportei, assim como as atitudes que tomei, na época, não são as melhores. Mas eram minhas opções no momento em que vivi. Espero que quem leia isso possa entender que cada momento da nossa história se desenrola de acordo com a nossa idade mental. Somos todos produtos do nosso tempo, não podemos ultrapassar a maturidade que se tem na hora que se vive. Também espero que quem quer que leia saiba sair de situações que você tem noção que não merece passar; ouça a sua intuição. Os alertas estão ali. Preste atenção direitinho na sua vida e vai entender.

Narrativa 9

Há uns 12 anos atrás, conheci um cara da minha idade, corpo sarado, olhar penetrante e se engraçando pro meu lado. Resolvi dar uma chance, mesmo dizendo a mim mesma que não seria nada sério, já que tinha me livrado de um traste. Acho que tenho dedo podre! Porque esse, apesar de eu não ter apontado com meu dedo podre pra ele, acabei me apaixonado! Ele se dizia virgem e eu, abobalhada, jurei que era verdade, diante de toda a lábia que ele jogou pra cima de mim. Eu queria ensinar algo a aquele “jovem aprendiz”, diante das minhas experiências anteriores. Foi aí que eu me lasquei. Ele me enganou.

Com alguns meses de namoro, descobri os casos dele com outras mulheres, pegando no celular e vendo todas as mensagens, ele contando sonhos eróticos e jogando o mesmo papinho que jogou pra cima de mim. Que raiva eu tive! Não me contive e arranhei as costas dele com toda a força que sangrou! Nossa relação desandou a partir daí. Desde o início não era saudável, sabe. Ele tinha ciúmes, me acusava de dar em cima de qualquer homem que se aproximasse de mim. Ele acabava projetando em mim toda a safadeza que ele fazia por aí, criando histórias descabidas na cabeça dele e acreditando em todas, mesmo sem fundamento algum.

Eu realmente tinha me apaixonado e não me envolvia com ninguém, além dele. Mas, diante de tantas acusações, eu acabei criando o desejo de traí-lo. Eu queria descontar todas as traições que eu sofri e, um dia, encontrei com um ex namorado e tivemos um “flash back” daqueles! Não me arrependo até hoje. Ninguém descobriu, mas esse meu namorado desconfiou e me deu vários beliscões, dizendo que se realmente fosse verdade a desconfiança dele, ele me mataria.

Sofri ameaças demais, demais mesmo. Ele chegou a me morder uma vez, com tanta raiva de mim, só porque eu contei uma história do meu passado em uma roda de amigos. Coisa que tinha vivido antes dele, mas ele não queria admitir que eu tive uma vida amorosa antes dele. Ele queria que ele fosse o único na minha vida, “como eu tinha sido na dele”. Mentiroso! Segurou essa mentira até o fim, só pra me causar algum tipo de remorso.

Teve dias em que ele mexia no meu celular, revirando qualquer conversa ou arquivo suspeito e até inventava histórias, “jogando verde pra colher madura”. Às vezes, quando a gente ia jantar, eu tinha que colocar o

dinheiro por baixo da mesa na mão dele, pra ele pagar e dizer que ele era quem me bancava, pois ele não admitiria nunca que uma mulher pudesse ter mais dinheiro que ele ou “sustentasse” ele de alguma forma.

Ele queria mostrar pra todo mundo que ele quem mandava em mim, porque o machismo dele era muito grande, exagerado mesmo. Até mesmo na cama, acredita? Eu não podia ficar por cima dele, porque ele achava q eu estava querendo dominá-lo...Tinha que ser sempre ele por cima ou por trás. E também eu não podia nem chegar perto do c* dele, quando ia lambe os ovos, porque ele ficava com ódio, achando que eu queria lambe lá embaixo também e isso ele não admitia, porque era “coisa de fresco”.

Algumas vezes ele transava comigo sem eu querer, mesmo eu estando muito cansada e dizendo que não estava afim, ele me agarrava com força e metia o pau no meu c*, só pra dizer que era ele quem mandava e era ele quem dizia as regras e não eu. Isso é violência sexual, mas eu só caí na real depois que eu assisti um vídeo, falando sobre esse tipo de violência. Achei que era normal numa relação, mesmo não gostando. Mas não, né. É violência mesmo. Eu sofri muito, passei 03 (três) anos com ele, desse jeito. Só que chegamos a um nível adoecedor, de muitos ciúmes, da minha parte e da dele. Eu ameaçava até matá-lo. Eu vi que eu não estava bem, vivia triste, chorava por tudo e não acreditava mais em nada. Tinha dias que eu queria morrer do que viver daquele jeito com ele. Ele se desculpava, chorava e dizia que iria mudar, mas dentro de 02 (dois) ou 03 (três) dias, tudo voltava a ser como antes.

Ele também me ameaçou, em relação à minha vida, sabe. Disse que não admitia terminar de novo. Que se eu terminasse, ele me mataria e se mataria também. Foi difícil demais me sair. Eu tive que conversar com a família dele e jogar a real. Todo mundo segurou ele em casa e fez ele se afastar de mim, mas colocaram a culpa em mim, claro...dizendo que foi eu que fiz ele ficar doente de amor daquele jeito. E eu pergunto, que amor doido é esse, né? Amor passa longe disso tudo que vivi...

Narrativa 10

Uma vez eu conheci um rapaz na internet...faz muito tempo, foi logo quando começaram essas salas de bate papo virtual. Entrei com a pretensão de arranjar um namoro pra ficar só no virtual mesmo, mas as conversas foram bem envolventes e ele me fez desejar ficar com ele pessoalmente. Marcamos de nos conhecer na minha cidade, ele veio, todo cheio de vontades e já mostrando alguns sinais de que era machista, mas eu me encantei, fazer o quê...

Primeiro ele pediu pra eu pagar a passagem dele, porque estava liso, mas queria muito me ver...Já era um sinal, mas, passei por cima e fingi demência. Disse que não tinha e ele arranjou com um amigo emprestado, porém, me pediu pra ir buscá-lo no aeroporto, pois não queria gastar com táxi, já que estava com a grana curta. Eu fui, porque a ansiedade estava me engolindo por dentro e eu queria logo conhecê-lo. Assim que o encontrei, ele me deu um abraço mixuruca e foi me pedindo pra irmos comer, no aeroporto mesmo, pois estava faminto e não aguentaria ir pra um outro lugar. Tudo bem, lanchamos e ele fez o quê? Pediu pra eu pagar, lógico. E assim foi por um ano de namoro.

Toda vez que ele vinha me visitar (foram poucas, porque eu ia visitá-lo na cidade dele, mais do que ele vinha na minha), era assim. E quando eu ia visitá-lo, da mesma forma, era sempre eu quem bancava toda a alimentação, os passeios e as minhas passagens. Uma vez questionei o que ele fazia com o dinheiro dele, ele disse, em tom bem alterado, que eu não me metesse na vida dele e que ele fazia o que queria com o dinheiro que era DELE. Discutimos bastante sobre essa forma alterada no tom de voz, porque ele disse que eu estava louca, inventando que ele tinha gritado comigo, mas que não tinha nada a ver. Só que isso só se repetia e ele não se desculpava e muito menos admitia que gritava. Então, comecei a gritar com ele também e isso foi motivo pra ele terminar comigo e dizer que não queria mais ficar com uma desequilibrada e sem noção.

Essa atitude dele me causou um abalo fortíssimo, eu não entendia como ele conseguia deturpar toda a situação daquela forma, me causando um sentimento horroroso de incompetência e incapacidade de me ver

como uma vítima. Eu pedia perdão, implorava pra que ele me desse uma chance de mudar...só que era ele quem tinha que mudar e não eu. Só vim perceber isso muito tarde.

Ele me causou estragos emocionais que até hoje estou tentando me recuperar, fazendo terapia e tomando medicações para ansiedade. Faz muito tempo, mas ainda sinto medo de ser eu mesma, acredita? De me envolver com alguém que faça a mesma coisa. Já apareceram muitos homens interessados em mim, mas eu não acredito mais em nenhum. Não consigo mais enxergar um relacionamento saudável, pois esse foi tão tóxico que me deixou sequelada, sei lá...bloqueada pra o amor. Me incapacitou de viver bem até comigo mesma.

Só consegui me sair dele porque ele morava distante de mim, em outra cidade, então, mudei de telefone, de e-mail, de residência, pra caso ele me procurasse, não me encontrasse mais. Soube que ele ainda tentou me encontrar, mas eu consegui dificultar tudo pra que esse reencontro acontecesse. Apaguei o telefone da minha agenda pra eu não ter qualquer recaída. Fui em busca de tratamento psiquiátrico, pois tive muita insônia, depressão, vontade até de me matar, tudo por conta de todas essas violências que ele me causou.

Fico me perguntando, às vezes, se há alguma lição positiva disso tudo, porque eu ainda não consigo enxergar. Foi tudo muito intenso e ruim. Espero me curar...Minha psicóloga manda eu dar tempo ao tempo e direcionar meus pensamentos pra o meu futuro, pra ver se eu consigo criar novos sonhos dentro de mim. Me manda imaginar um novo amor, saudável, que me cuide, porque eu mereço. Eu hoje sei que mereço. Só não consigo, ainda, me envolver com ninguém.

Narrativa 11

Bem, eu e essa moça nos conhecemos no final de 2019, mais precisamente em outubro, nas redes sociais, como ultimamente as pessoas têm se conhecido. E aí partimos para o WhatsApp, trocamos telefone, conversamos a noite toda e isso se estendeu até o outro dia. Houve uma empatia inicialmente, como toda conquista e me pareceu tudo muito normal, tudo muito tranquilo, não vi nada de demais na moça. E continuamos conversando a semana, enquanto eu fazia minhas atividades, minhas tarefas, até chegar um determinado dia em que resolvemos namorar à distância, a princípio, e também passamos a concordar em nos conhecermos pessoalmente, até porque eu não gosto de relacionamentos à distância e eu deixei isso bem claro quando a conheci.

Ela mora em Fortaleza e como eu já conhecia Fortaleza, não achei que fosse um risco. Resolvi que em dezembro iria passar o ano novo com ela, decidi e fui, nos conhecemos e tudo normal. Até aí tudo tranquilo, nada de achar que seria um relacionamento abusivo. Passei três dias com ela, retornei a Mossoró e continuamos esse namoro virtual. Depois da minha ida à Fortaleza e no final de fevereiro eu resolvi ir embora pra lá, alugamos uma casa e ela pegou as coisas dela e fomos. Eu fechei minha casa, não levei nada, levei só roupa e documentos, inclusive fui procurar trabalho.

Bem, os primeiros meses foram maravilhosos, né, ela muito solícita, muito gentil, muito amável comigo e fazia tudo por mim, tudo pra me agradar, parecia estar muito feliz em estar comigo, em ter me encontrado, entendeu. Enfim, não vi nada de anormal, até que se passaram 04 meses que eu estava em Fortaleza e descobri que ela tinha relacionamentos paralelos. Eu descobri que ela tinha um relacionamento com um homem, o qual ela não me relatou quando nos conhecemos e nem falou que ela era bissexual. Há 10 anos que ela tinha caso com esse homem, e aquilo foi assustador pra mim, eu tentei terminar o relacionamento, e aí vieram as chantagens emocionais, né. Já veio a primeira chantagem emocional e eu estava com minha filha, pra piorar a situação, pois eu ainda morava com ela dentro de um apartamento com minha filha. Eu descobri isso e desde então o relacionamento foi se tornando péssimo, porque quebrou a confiança, eu não sabia mais quem era ela. E aquilo foi tornando o relacionamento muito

tóxico, e afirmo até que da minha parte, a princípio nem foi da dela. Ela tentou de todas as formas mostrar e demonstrar que aquilo era passado, que não tinha nada a ver, mas eu diante dessa situação e desconfiada, não conseguia mais confiar nela.

Também descobri que ela tinha vários relacionamentos mal resolvidos, que não era só uma questão com esse cara e descobri que esse homem era um empresário e bancava ela, pagava aluguel, bancava cursos, enfim. Ela foi muito clara com ele, segundo o relato dele mesmo, que eu tive contato com ele e aí ele me ligou e confirmou tudo. Inclusive me mandou fotos dela bem mais jovem com ele, mandou foto dela em motéis e se expondo, despida pra ele. Pra mim foi um choque, fiquei chocada com tudo aquilo, mas tentei conversar na mesma noite que eu descobri. Discutimos feio, brigamos, de forma muito agressiva, violenta. Mais uma vez eu tentei tirar minhas roupas pra ir embora, ela não quis deixar, usou da chantagem emocional, dizia que me amava muito, que eu era a pessoa que ela queria pra vida dela e aí minha filha também presenciando tudo isso. Então, eu tentei deixar a situação apaziguar. Nessa altura Fortaleza já estava tomada pela Covid, eu fiquei acometida de Covid e aí ela começou a cuidar de mim, a demonstrar que tinha afeto, enfim. Parecia que a situação ia reverter completamente. Durante a relação, até antes de eu ficar doente, eu tentei esquecer aquela situação com o homem, que ela disse que já tinha deixado pra lá, que aquilo não era o que ela queria, que ficava com ele por dinheiro. Aquilo me deixou ainda mais assustada, mas eu ainda tentei compreender, avisei que a partir dali a situação ia ficar estranha pra mim, mas como eu fiquei doente, eu não tinha como ir embora, acabou que ela desmanchou minhas malas e acabei não saindo.

A situação até que amenizou, eu achando que as coisas tinham tomado um rumo diferente, mas depois percebi que não, descobri mais outras mentiras e percebi que aquilo foi me adoecendo. Eu não tinha mais nenhuma confiança, então muitas das vezes a gente começou a ter discussões muito frequentes. Algumas vezes eu pegava mensagens de outras mulheres e comecei a perceber que ela manipulava a situação, né. Ela notou que eu estava gostando dela, que eu estava apaixonada e eu comecei a perceber que começou a haver uma manipulação. Ela

manipulava, quando ela queria tá bem comigo ela ficava de boa, agia como uma pessoa que queria um relacionamento estável, sério, mas à medida que eu fui me estendendo nessa relação doentia, eu comecei a perceber que eu estava doente, mas que ela também estava se tornando alguém doente.

Eu quis sair, apesar de que eu estava achando tarde, pois eu já estava com ela há um ano nesse relacionamento, no qual chegamos a ter agressões físicas uma com a outra por conta de ciúmes. Geralmente o ciúme partia de mim, mas ela também era uma pessoa agressiva. Eu comecei a observar situações que ela me menosprezava e era mais quando estava perto da família dela. Ela sabia que eu não tinha família lá, eu não tinha amigos. Eu estava só com ela e minha filha e muitas das vezes ela entrou em discussão com a minha filha, então eu fiquei numa situação completamente acuada, porque hora eu tinha que estar do lado da minha filha, hora eu tinha que estar do lado dela.

Foi uma situação muito difícil. As brigas começaram a ficar mais constantes e eu cheguei a ir ao psicólogo, ela também se propôs a ir pra o psicólogo de casal. Ela fez um certo esforço junto comigo pra a gente dar continuidade a esse relacionamento. Mas aí eu comecei a observar outros pontos nela que não davam certo. Primeiro que eu não tinha mais confiança e aquilo foi me gerando paranoias, né. Então, às vezes eu ia no trabalho dela sem ela saber, eu ficava às vezes à distância. Isso aí realmente é fato, aconteceu e aquilo foi tomando uma proporção maior, foi sufocando-a e ela por muitas vezes queria ir embora de dentro de casa e às vezes ia dormir na casa da mãe e eu não queria que ela fosse, porque ela estava nesse relacionamento comigo e o certo era não era dormir fora, era como eu pensava. Mas aí a mãe dela começou a conversar comigo e a me convencer que às vezes era melhor ela dormir fora pra evitar atrito e aquilo já não mexia mais comigo.

Esse relacionamento durou quase 02 anos e foi muito doloroso, porque envolveu família, envolveu minha filha. Minha filha ficou com certos traumas desse relacionamento, e eu também, né. Retornei a Mossoró, foi quando a gente realmente resolveu se separar, depois de várias tentativas de separação e assim que eu voltei procurei trabalhar, esquecer essa

situação na minha cabeça. Quando ela realmente viu que eu tinha deixado o relacionamento aí a coisa se inverteu, ela começou a me perseguir nas redes sociais, chegou a vir aqui em Mossoró várias vezes à minha procura, pra ver se eu estava com outra mulher, porque ela não acreditava que eu conseguisse deixá-la tão rapidamente ou que eu a esquecesse rapidamente.

Realmente não foi rápido pra esquecê-la, mas eu tive que tentar fazer isso, porque era um relacionamento abusivo de ambas as partes. Eu percebi que era de ambas as partes, porque por um lado ela me manipulava e me fazia acreditar que eu estava ficando louca, muitas vezes ela dizia “você tá louca, você é louca”, “você tá achando que eu estou com outra pessoa, eu não estou”, mas, na verdade, eu soube de traições.

Ela chegou sim a me trair, apesar de que ela sempre negou isso, sempre negou. Aquilo começou a virar uma bola de neve imensa e eu não vi outra alternativa a não ser ir embora, até que chegou um momento que teve uma discussão muito séria, uma briga muito feia, na qual ela tentou envenenar o gato da minha filha. Isso já estava ao extremo, né, e aí eu disse não. Minha filha ligou pra minha mãe, minha mãe foi buscá-la e foi quando eu decidi vir embora. Então, minha filha veio primeiro, eu ainda fiquei mais três dias lá com ela, tentando apaziguar a situação e porque também eu tinha coisas a resolver antes de vir embora.

Quando ela percebeu que não tinha mais a mim, que ela não ia mais me manipular e que eu não ia mais fazer o que ela queria, a coisa se inverteu, pois ela começou a me perseguir nas redes sociais, passou a entrar em contato com alguns amigos, me difamava pra esses amigos e continuou entrando em contato comigo. Pelo fato de ainda ter um pouco de sentimento ainda por ela, passei quase um ano com ela entrando em contato comigo, querendo saber da minha vida e por onde eu estava, sem nada de eu saber que ela me vigiava. Quando eu descobri através dos amigos, decidi romper completamente com essa situação.

Eu fiz terapia aqui em Mossoró quando eu cheguei, tentei fazer com a minha filha, mas ela não quis, mas foi uma situação completamente dolorosa, porque eu me sentia submissa a um sentimento, eu me sentia presa por uma situação que não podia sair, porque era pandemia, eu me senti humilhada, porque muitas vezes ela realmente me humilhava. Não

perante outras pessoas, porque ela queria passar a ideia pra as outras pessoas de boa moça, certo. Mas muitas vezes ela tentava me passar por louca, entendeu, por doida, isso aí era muito notório, era muito visível, tipo, ela fazia certas coisas e eu falava – “olha, tá acontecendo isso e isso e eu não estou gostando, vamos tentar parar” e ela dizia que era criação da minha cabeça. Ela fazia isso comigo, ela era manipuladora e depois eu comecei a perceber que talvez ela tivesse traços narcisistas, assim como a minha mãe, então era uma situação extremamente complicada e que eu nunca imaginei que fosse entrar. Porque quando a gente entra num relacionamento a gente não entra apostando no errado, a gente entra apostando no que é certo, que vai dar certo e ela era uma pessoa muito gentil, amável, fazia tudo que eu queria. Era uma pessoa assim, extremamente sem opinião, eu até estranhei no começo, porque como é que a pessoa não diz o que gosta, só quer o que o outro quer, só diz o que o outro diz, então aquilo foi me causando uma certa estranheza, com o passar dos meses, e na verdade esse tipo de comportamento dela só durou acho que uns dois ou três meses.

Outra característica dela que eu observei é que ela era muito gentil com as outras pessoas, mas comigo ela não era, ela sempre fazia com que o outro fosse mais importante do que a mim, entendeu? Então, sempre que algo que o amigo queria dela ou precisava dela, ela queria fazer, mas se fosse uma questão que eu precisasse, ela meio que ou fazia com raiva ou se negava, sabe. Coisas estranhas começaram a acontecer, comportamentos, e aquilo batia em mim, chegava até a mim e eu não conseguia aceitar nem entender e aí tinha uma reação. É aquela coisa, toda ação tem uma reação, tinha momentos que a gente estava em paz, passava assim de uma semana, duas, até tranquilo, mas aí daqui a pouco ela aprontava alguma coisa que levantava a minha desconfiança e aquilo ali eu já ficava enlouquecida.

Foi uma relação muuuito difícil, muito complicada, eu vim embora, voltei pra minha casa, tive que cortar todas as minhas redes sociais. Isso depois de um longo período, porque ela ainda ficava manipulando, mesmo à distância. Quando ela queria conversar comigo, ficar comigo, ela ligava, ela tinha acesso ao meu telefone, ela tinha acesso ao meu endereço, então eu cheguei até o ponto de pensar em mudar de endereço.

Da última vez que ela veio atrás de mim foi quando ela realmente percebeu que eu não tinha mais o mesmo sentimento, que eu não queria mais esse tipo de situação pra minha vida e que eu queria dar continuidade à minha vida longe dela. Quando ela realmente tomou consciência que eu realmente não queria, por todo mal que ela tinha causado a mim e a minha filha e eu também a ela, devido a ter ficado doente, de certa forma, aí ela começou a me perseguir nas redes sociais, eu tive que trocar o número de telefone, pensei até em ir embora daqui, porque na última vez que ela veio a Mossoró ela me relatou que tinha dados bancários meus, tinha acesso a minha conta de água e de luz. Eu tenho prints guardados de ameaça dela, que não queria me ver com outra mulher, que se me visse com outra mulher ela me mataria. Só que a gente nunca acredita nisso, a gente acha que a pessoa não vai ser capaz de algo assim. Foi uma situação extremamente dolorosa que eu não espero jamais entrar novamente.

Hoje em dia eu estou mais atenta a essas relações, porque eu também fiquei com trauma de relacionamento e de estar em um relacionamento estável. Eu não consegui mais depois dela, até porque eu acho que eu fui precipitada sim, ninguém pode entrar num relacionamento sem conhecer a pessoa, sem conhecer a família, sem saber a procedência da pessoa. Hoje eu tenho esses cuidados, de conhecer um pouco melhor a pessoa, de conversar, de vê-la pessoalmente. Depois disso eu conheci algumas pessoas a distância, em redes sociais, nesses sites de internet, mas pessoas mais próximas, que eu tivesse logo a possibilidade de ir logo conhecer e conversar e ver.

É doloroso pra mim falar nisso até hoje, porque até recentemente ela ainda entrou em contato comigo, soltando tipo uma piada, então eu tive que bloquear. Ela usou outro número, porque ela já é bloqueada nas minhas redes sociais, em tudo. Eu tento não ficar falando muito nesse assunto, porque eu já falei demais e isso é doloroso. Apesar que hoje eu já estou melhor, cuidando de mim, da minha autoestima. Conheci outras mulheres, tive algo com outras mulheres, mas nada tão sério. Como eu disse, eu fiquei com receio de me relacionar de novo de uma maneira mais estável, não que eu não queira, mas agora eu estou observando

melhor, prestando mais atenção quem é a pessoa, como é que ela se comporta e me observando também, porque também a gente se conhece mais também, quando tá num relacionamento estável com outra pessoa.

É muito necessário numa situação dessa, você buscar sim um profissional, um psicólogo, um psiquiatra, conversar, tentar entender o que aconteceu, porque eu fiquei muito tempo na minha cabeça perguntando porque que isso aconteceu, porque que tinha que ser assim, pois eu não queria aceitar, mas acabei que tirei uma lição disso tudo. A lição é essa, procurar conhecer antes a pessoa, ir devagar com as coisas, não se precipitar e deixar mesmo a pessoa de lado, não tem história de voltar, de ficar de idas e vindas como eu fiquei ainda, a tal das recaídas. Tem que cortar mesmo os canais da pessoa chegar até você, é o único jeito, e partir pra se cuidar, tentar se reavaliar, ressignificar a sua vida, tentar se observar mais por dentro e ver o porquê que você tá atraindo esses tipos de pessoas.

Hoje em dia eu faço esse exame dentro de mim, examino o porquê que atrai essa pessoa, o que era, qual foi a falha que eu cometi, sabe. Não é só o outro, porque a gente percebe que têm pessoas que conseguem relacionamentos sadios e íntegros, então porquê que atraio esse tipo de pessoa. Não que o defeito esteja só na gente, mas que a gente tem que avaliar. Eu vou ser sincera, eu estava numa carência extrema e queria ir embora daqui, então, eu vi uma ponte nisso. Eu vi uma maneira de sair daqui e ir tentar algo diferente e já que eu tinha conhecido ela e rolou algo bacana, a tal da química e tal, então eu não vi nada que pudesse impedir, mas eu confesso que eu não faço mais esse tipo de coisa, sair da minha casa pra ir tentar viver com uma outra pessoa que eu não tenha conhecimento. Ficou realmente a lição pra vida. Espero que sirva pra outras pessoas também.

Sobre a Organizadora:



Aryanne Sérgio Queiroz de Oliveira:

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN (PPGCS/UFRN); Mestra pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN); Bacharela em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Estudante de Graduação em História/UERN; Estudante de Graduação em Psicologia/UNINASSAU MOSSORÓ; Especialista pela FAMART em: 1) Violência contra a mulher; 2) Psicologia Sexual; 3) Sexualidade Humana; 4) Educação, Gênero e Sexualidade 5) Psicologia da Saúde; 6) Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica; 7) Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Atua como técnica administrativa do Departamento de História e no grupo de pesquisa História do Nordeste: sociedade e cultura (UERN); Atualmente está vinculada como discente ao grupo de pesquisa Saúde, Gênero, Trabalho e Meio Ambiente (SAGMA/UFRN). Na área de pesquisa, centra seus estudos no campo das Ciências Sociais e Humanas. Interessada nos seguintes temas: gênero; transexualidade; sexualidade; orientação sexual; direitos humanos; identidade; adoção por casais homoafetivos; educação. Autora do livro “Brincando de respeitar” (2022). Organizadora dos livros “O Processo de ensino aprendizagem na Escola e para além da Escola” (2021); “Michel Foucault: reflexões acerca dos saberes e dos sujeitos” (2019); “Ensino e Formação: novas perspectivas para o cotidiano” (2018); “Interfaces dos Gêneros e do Sujeito: construindo relações filosóficas e socioeducacionais no âmbito brasileiro” (2017).

Contato: aryannequeirozpsicologia@gmail.com

